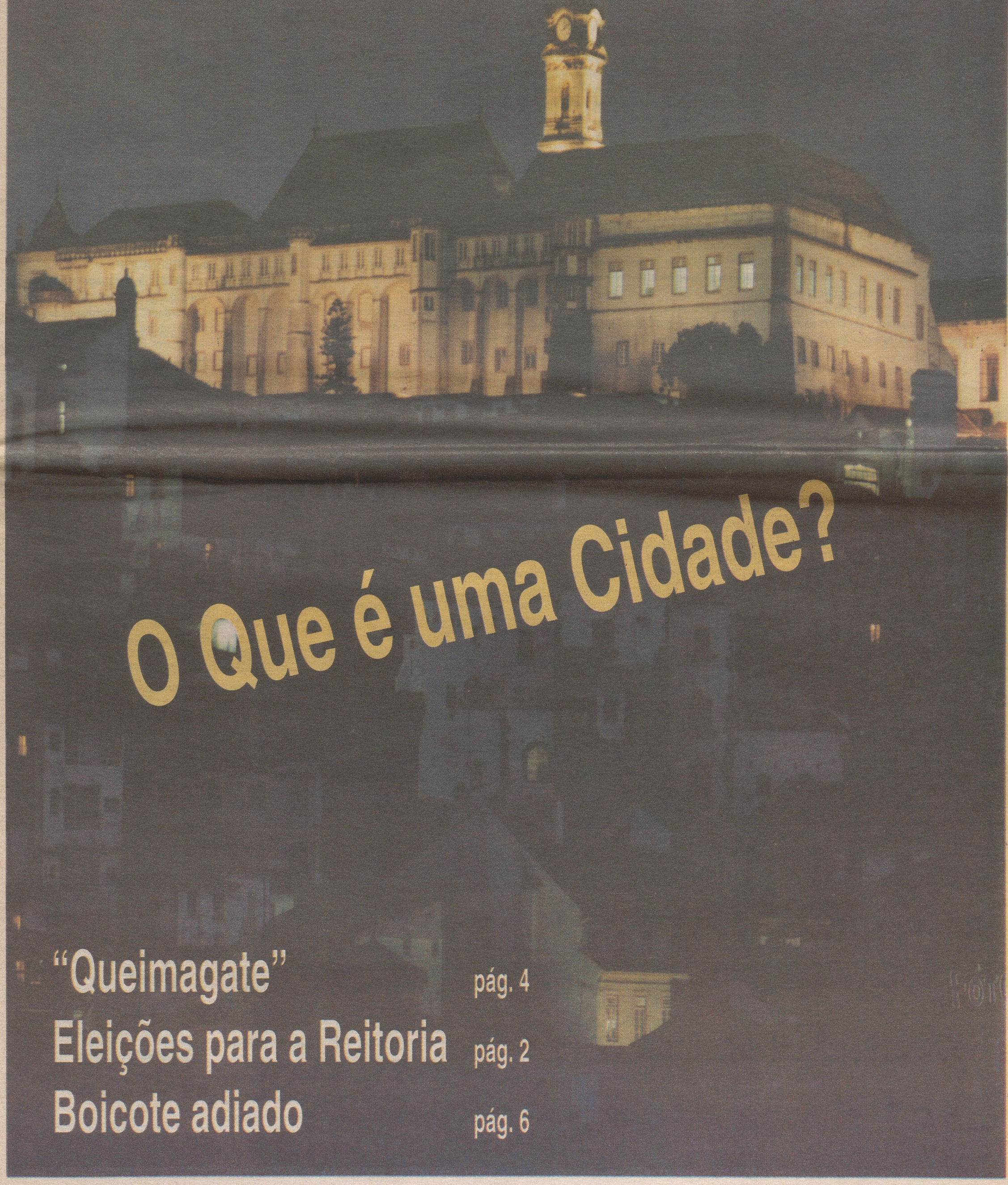
BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE

<None>Fevereiro de 1998
Nº 34
Distribuição gratuita
Director: César Marques
Director adj:Manuel Pereira
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra
Rua Pe. António Vieira
3000 Coimbra
Telefone/Fax: (039) 38934

A Cabra

DOM

Jornal Universitário de Coimbra



O Que é uma Cidade?

"Queimagate" pág. 4
Eleições para a Reitoria pág. 2
Boicote adiado pág. 6

Editorial

Decidimos neste número fazer um Especial "O que é uma cidade?". A cidade que acolhe há setecentos anos estudantes de todo o país passa muitas vezes despercebida aos olhos destes. Fascinados pelo encanto de uma vida académica ímpar e pelo contacto com gente das mais diversas proveniências, muitos passam por Coimbra sem a conhecer. Nunca souberam o que é calcorrear as ruas da baixa ao sábado de manhã, vendo de perto aqueles que os estudantes não deixam aparecer; nunca foram às tascas da baixinha, onde o símbolo do União "demarca" território. Nunca sentiram realmente o que é a Coimbra verdadeira, da gente que, apesar de por eles trabalhar, nunca entrou no seu "mundo". E esta Coimbra faz falta...

São já mais que públicas as movimentações em torno da sucessão do actual Reitor. Dentro em breve se saberá a quem vai caber a liderança da Universidade de Coimbra nos primeiros anos do séc. XXI.

No entanto, ao contrário do que seria de esperar, entre a comunidade estudantil não tem havido grandes reacções a tudo o que tem vindo a lume na corrida para a Reitoria, e parece que os alunos da UC não se aperceberam ainda da importância do acto que se avizinha. De facto, qualquer que seja o eleito, implicará sempre uma mudança numa instituição gerida há dezasseis anos pelos mesmo titular. Pondo de lado "bairrismos", o simples facto de o eleito ser de Letras ou Ciências ou de qualquer outra Faculdade implicará sempre uma maneira diferente de ver a Universidade no seu todo. Além disso, numa altura em que a AAC se envolve em mais uma luta contra aquilo que lhe parece ser manifestamente mau no sistema de ensino, será importante ver quais as posições dos candidatos em relação aos temas que nos dizem directamente respeito. E é já bastante preocupante o facto de até agora ainda ninguém se ter preocupado com a opinião do Presidente da AAC quanto a este acto eleitoral... É bom não esquecer que o principal aliado das sucessivas DG's tem sido o Reitor. As DG's passam e o Reitor fica...

CM

RASCUNHO- UM MOVIMENTO DO NADA

A Rascunho é já parte do imaginário recente de Coimbra- começou por um concurso de poesia livre de que sairíam os textos para uma edição pirata, prolongou-se por encontros entre aqueles que descobriram afinidades do discurso e do sentir, e foi ganhando um espaço próprio, sobretudo na comunidade universitária, através de diferentes iniciativas, que têm ido da distribuição de pequenos textos contestatários do "status quo", à repetição de concursos literários e à recente auto-produção de edições artesanais de autor de alguns dos seus elementos. O Foyer do TAGV recebeu, no entardecer de dia 12, o lançamento dos livros editados pela Rascunho, numa apresentação que à leitura de textos e poemas, publicados ou não, seus e de outros autores, juntou alguma encenação e muita irreverência.

O primeiro poema, extraído do livro "Ser na descontinuidade", declamado com o seu autor, Luís Simões, sentado de costas para a plateia, deu o tom que atravessaria toda a iniciativa: desinstitucionalizar, desmistificar, desconstruir para criar de novo a arte- mas uma arte pela arte, porque ela "não tem cor nem língua e muito menos coleira". Sem incoerência, um Demónio, a pintar de vermelho mórbido o poema seguinte, de Ricardo Marques / Claus Min, deambulou diante do público.

Durante cerca de uma hora os poemas de Claus Min, Manuel Pereira, Jorge Rosete, Mohsen Rostami e Carlos Ramos, para além dos dois autores já citados, colheram os aplausos de todos os presentes, atentos também aos textos intervencionistas que intercalaram as leituras e que apelavam ao despertar das consciências e à humanização de uma sociedade a cada dia mais perversa e apática.

"Não há nenhuma imposição para quem queira aderir a este movimento"- garante Luís Simões. Para o descobrir um pouco mais, estão aí os livros, quatro, e ainda duas compilações dos textos que, não tendo vencido os concursos da Rascunho, mereceram ainda assim ser publicados.

Sem uma ideologia orientadora, sem uma intenção que desvirtue a da simples intervenção de poesia, a Rascunho promete continuar. Porque, nas palavras de Manuel Pereira, "tudo é nada na voz de um mudo". E por isso é urgente comunicar.

A.G.

SECÇÕES FINANCIAM DIRECÇÃO-GERAL

As secções da AAC estão a financiar a Direcção-Geral. Tudo porque, ao contrário daquilo que seria normal, não lhes é permitido deduzir o IVA das suas despesas.

Passemos a explicar. O IVA (imposto sobre o valor acrescentado) é cobrado pelas secções da AAC sempre que prestam um serviço, no caso deste jornal, publicidade, numa percentagem de 17% sobre o seu valor. Inicialmente não era assim pois presumia-se que a AAC, por ser uma instituição de utilidade pública, estava isenta de impostos. Contudo, isso não corresponde à verdade pois as instituições de utilidade pública estão isentas de impostos sobre os rendimentos (como o IRC), mas não de impostos indirectos sobre serviços. Aliás, em 1994, este engano esteve na base do aparecimento de uma dívida de cerca de 65000 contos resultante de um apuramento efectuado por uma inspecção das finanças às contas da AAC em que foram detectadas inúmeras receitas, sem o respectivo IVA liqudado, dívida que está a a ser paga em prestações, com a ajuda das secções da AAC.

Como as secções não têm autonomia administrativa e financeira, antes dependem da Direcção-Geral, a contabilidade de todas elas é integrada nas declarações de impostos da AAC, entidade que, tal como todos os contribuintes, paga o IVA resultante da diferença entre o montante que cobrou e o montante que liquidou nas diversas despesas efectuadas. Se, por exemplo, a Secção de Jornalismo cobrar cem contos de publicidade, cobrando dezassete de imposto, e efectuar despesas de cinquenta contos, tendo pago oito mil e quinhentos escudos de imposto, liquidaria junto das finanças a diferença. No entanto os serviços administrativos da AAC estão a obrigar as secções a liquidarem o valor total do IVA que cobraram, e não a diferença, ficando o remanescente em seu poder. Ou seja as secções pagam IVA duas vezes: quando prestam um serviço e quando efectuam despesas. Pobres contribuintes!

Uma situação que já vem de trás, mas que o actual elenco directivo não parece disposto a alterar.

TM

Cartas à "Cabra"

20 de Janeiro de 1998

Exmos. Senhores,

Venho por este meio informá-los que cometeram um "grave" erro, quando citaram a minha intervenção na última A. Magna, realizada no dia 15 de Janeiro de 1998.

Sem querer por em causa o vosso saber jornalístico, permito-me recordar-vos que "A merda das propinas e o caralho da lei" foi algo que nunca disse. A citação correcta é: "Será que vamos continuar a mandar o ministro para o caralho com discursos que não resolvem a merda da lei".

QUANDO NÃO SABEMOS O QUE DIZER, NADA MELHOR QUE RECORRER AO SILÊNCIO!!!

Desde já agradeço os prémios que me foram atribuídos. Na verdade, eles correspondem à verdadeira sessão de entrega de óscares em que o órgão supremo desta Academia se tornou.

Tenho ainda a lamentar que só façam referência a chavões populistas, quando negligenciam as partes do discurso que me parecem realmente relevantes, v. g. o texto de Guy Michaud publicado no "Le Monde" em Junho de 1968.

Com os melhores cumprimentos

Raquel Varela

Nota do Director: Se, de facto, a citação não foi correcta, temos a apresentar as mais sinceras desculpas. Quanto ao restante, não me compete tecer quaisquer comentários...

CM

(Quem estiver interessado em enviar cartas à redacção d'"A Cabra", pode fazê-lo para: *Cartas à "Cabra" / Secção de Jornalismo da AAC / R. Padre António Vieira, 1 / 3000 - Coimbra*, ou entregar em mão na nossa sala, no 1º piso da AAC, ou na nossa caixa de correio, no corredor ao lado das escadas, no rés-do-chão.)

Rectificações

O último número da "Cabra" foi pródigo em "deslizes".

Assim, nas legendas dos gráficos dos inquéritos à população (pag. 5), onde se lê "Paga propinas" deveria estar "Concorda com o princípio do pagamento de propinas?"; e onde está "Se pagar propinas elas servem para" deveria estar " A cobrança das propinas serve para?".

Na crítica de vídeo da pag. 12, a lista dos vídeos escolhidos por João Melo Alvim não é a dos melhores, como a de Manuel Pereira, mas sim a dos piores de 1997. Ao autor e a qualquer leitor que tenha ficado com o seu "sentimento cinéfilo" ferido apresentamos as mais sinceras desculpas.

E, para terminar, obviamente que a legenda sobre o Prémio Nobel da Paz da última página se referia a José Ramos Horta e não a Cavaco Silva, como poderia pensar um leitor mais desatento, dada a colocação dela...

Por tudo isto temos a apresentar as nossas desculpas.

Ficha Técnica

Directores: César Marques, Manuel Pereira ; **Edição:** Adeodato V. Pinto, Eduardo Brito, Nuno Curado, Tiago Maranhão, Rui Ferreira; **Director Gráfico:** Nuno Curado; **Paginação:** Nuno Catarino, Nuno Curado, Paulo Antunes **Redacção:** David Pereira Bastos, Fernando Nunes, Filipa Rodrigues, Maria Luis Marinho, Nuno Brandão, Paulo Antunes, Pedro Brites, Rosário Salvado, Susana Cerqueira; **Colaboradores:** Andreia Gouveia, Bruno Ferreira, Cristina Gomes, Elsa Garcia Fernandes, João Melo Alvim, Luis Paulo Sousa, Maria João Borges, Nuno Amaral, Nuno Catarino, Rui Gonçalves, Rui Prista Cascão, Sofia Branco, Zilda Monteiro; **Fotografia:** Eduardo Brito, Paulo Antunes, Ricardo Moura; **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 2000 exemplares; **Produção:** Secção de Jornalismo da A.A.C.; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira; **Telefone/Fax:** (039)-38934; **Agradecimentos:** Centro de Informática da A.A.C., D.G./A.A.C., Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Secção de Jornalismo

Fevereiro 1998

Quatro candidatos a reitor

Tempo de mudança

São quatro os candidatos à sucessão de Rui Alarcão. O mítico reitor da Universidade de Coimbra abandona o cargo ao fim de dezasseis anos. Carlos Sá Furtado e Lélio Quaresma Lobo da FCTUC, e Fernando Rebelo e Luís Reis Torgal da Faculdade de Letras candidatam-se à condução da UC na transição do milénio.

São as mais animadas e mais equilibradas eleições de sempre. Disso ninguém duvida. Na passada quinta-feira o Teatro Paulo Quintela encheu-se para ouvir os pré-candidatos a reitor e não faltaram as primeiras críticas ao mandato de Rui Alarcão, até aqui mantido fora das controvérsias eleitorais. Embora lhe reconheçam muitos méritos na gestão da universidade, todos os candidatos criticaram de forma velada alguns aspectos da gestão actual do reitor, com particular ênfase para a situação da Imprensa da Universidade, questão que "a reitoria, todos os anos prometeu resolver", nas palavras de Reis Torgal.

Aliás, o tom de crítica estendeu-se ao modo de eleição do reitor que mereceu de Fernando Rebelo o epípeto de "pouco democrático", no que foi acompanhado pelos restantes candidatos.

A eleição, cuja data ainda não foi marcada, aguardando-se uma decisão definitiva do Senado, deverá ocorrer dentro de três semanas, restando aos candidatos esse tempo para tentar convencer os membros da Assembleia da Universidade a votar no seu programa. Programas que, diga-se, deverão ter muito em comum, nomeadamente no que toca ao diagnóstico dos problemas que afectam a UC.

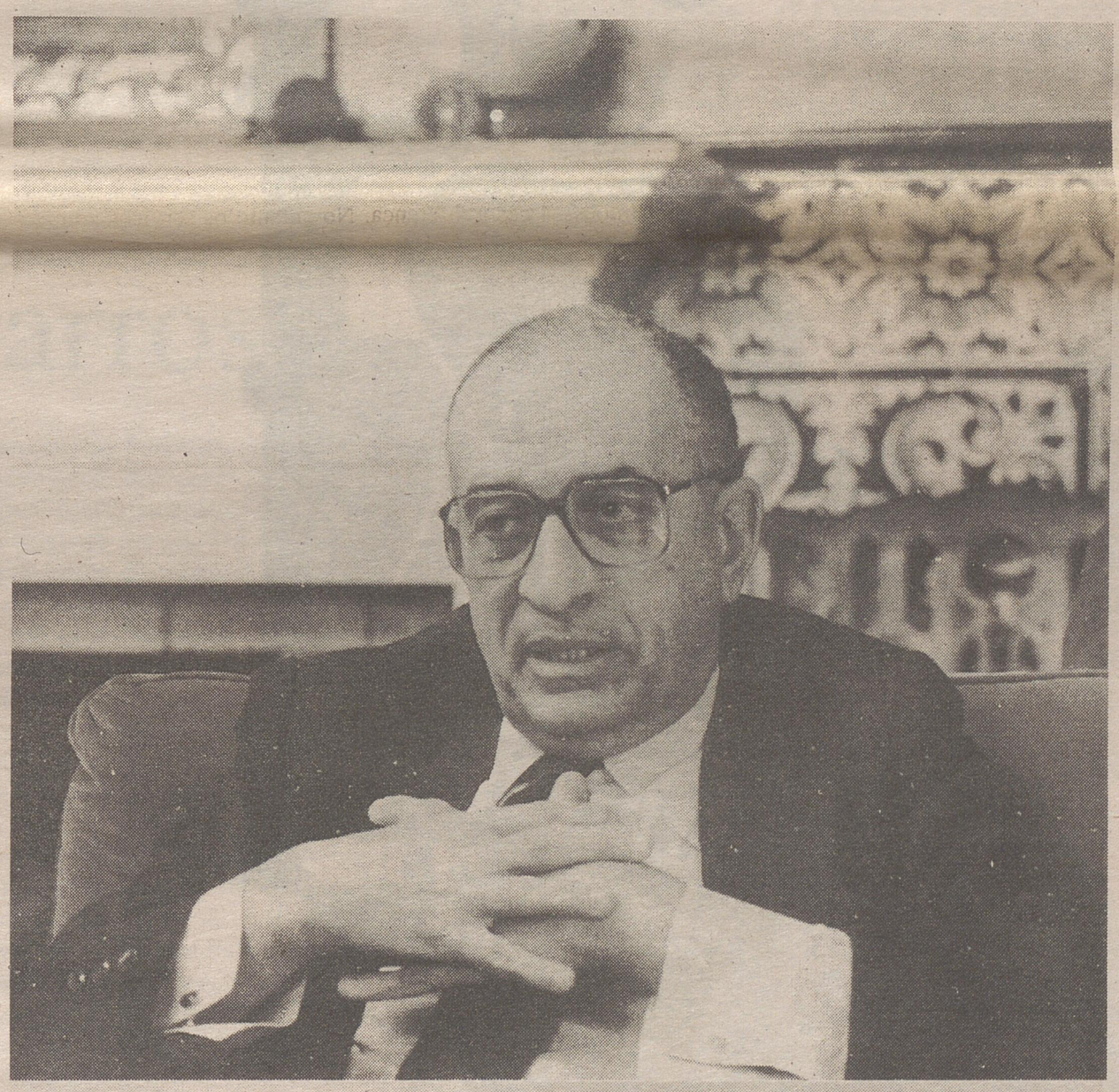
Equilíbrio

O equilíbrio parece ser a tónica dominante. Oriundos das faculdades com maior número de alunos e cursos, todos os candidatos parecem apostados em guardar o jogo, pelo menos por mais algum tempo. O tom de cordialidade tem sido uma constante dos debates e uma ideia parece reunir amplo consenso: a Universidade precisa de ser dinamizada. O papel do próximo reitor é crucial, pois o seu desempenho condicionará muito o destino da UC.

À espreita estão os partidos políticos. O seu papel não será muito perceptível neste acto eleitoral. Contudo, um aliado na Porta Férrea é muito importante para qualquer força política. As universidades têm sido o epicentro de muitas polémicas na actual sociedade e são um elemento fundamental na captação de "pessoal político". Como nos confidenciava um dirigente partidário, "um reitor é um político muito importante". O tipo de eleição, através de um órgão colegial, poderá favorecer as tentativas de influência por parte das sedes políticas. No entanto não são claras as intenções nesse domínio. Certa é a mensagem que todos os candidatos querem fazer passar: as suas áreas ideológicas situam-se na "esquerda democrática", com mais ou menos nuances. Sinal dos tempos...

Diferenças

Carlos Sá Furtado é o Presidente do Conselho Directivo da FCTUC, o que o torna no candidato com maior peso institucional. Traz consigo a tentativa de instituir o regime tutorial (modo de ensino adoptado em algumas universidade anglo-saxónicas) como forma de melhoria da qualidade e combate ao insucesso escolar. Defende a redução do número de órgãos de gestão das faculdades e aponta como prioridade da sua acção a resolução do problema das instalações, não ndo em estabelecer o prazo de uma década para dotar todos os departamentos e cursos dos meios físicos necessários.



Dezasseis anos depois, a UC prepara-se para mudar de Reitor

Lelo Quaresma Lobo reclama para si uma atitude de mais dinâmica. Professor do Departamento de Química e Presidente do Conselho Pedagógico da FCTUC defende um aprofundamento da autonomia universitária e adopção de um modelo de gestão mais eficaz. É adepto de uma reformulação do sistema de ensino tendente a introduzir uma componente mais educativa e menos institucional aos cursos. Defende ainda o incremento do número de residências universitárias, que considera um elemento primordial na atracção de estudantes para a Universidade. O seu ponto programático mais inovador será a criação de um provedor académico com estatuto de Pró-reitor.

Fernando Rebelo, professor de Geografia na Faculdade de Letras, é o candidato que mais se aproxima do actual reitor. Considera-se mesmo um candidato "de uma certa continuidade" não enjeitando "marcas de diferença". Uma dessas marcas é a defesa da criação de um sistema que possibilite a preparação psico-pedagógica dos jovens assistentes, tendo em vista a melhoria do ensino ministrado.

"Se eu for reitor, ajudem-me a tirar os automóveis do Pátio da Universidade!", pediu Luís Reis Torgal, professor de História, que mostrou ser o candidato mais crítico em relação à actual reitoria. Recusa-se a ser um "reitor administrativista" e defende o incremento das relações com as comunidades de língua portuguesa "numa base de reciprocidade". Propõem-se a reorganizar os saberes e Faculdades e assenta a sua candidatura em três ideias: mudança, eficácia e transparência. Defende ainda a criação de Pólos excêntricos em cidades vizinhas.

Propinas

Crucial para os estudantes, a questão das propinas não tem sido tema frontal nos debates. Todos os candidatos reiteram a necessidade de uma pacificação da Universidade e a urgência em encontrar novas formas de financiar o sistema, mas parecem pouco dispostos a "contrariar a legalidade democrática". Uma indefinição que não agradou a muitos estudantes presentes, cujo peso no Colégio Eleitoral é significativo, que entedem que, sem o apoio do reitor, a luta contra a actual Lei do Finaciamento será muito mais complicada. Os estudantes esperavam uma posição mais clara nesta matéria, e continuam a aguardar que nos próximos dias haja lugar a clarificações.

Tiago Maranhão
Rosário Salvado

Tempos conturbados na Comissão Central da Queima das Fitas

"Queimagate"

Como se já não bastassem as polémicas e especulações que todos os anos surgem em relação à Queima das Fitas, no passado dia 16 de Dezembro, veio a lume o caso dos 14 mil contos que teriam sido destinados a uma espécie de saco azul, de modo a evitar o controlo do fisco e de maneira a servir de fundo de maneio para futuras despesas com a festa máxima da Academia.

O inicio da saga dos 14 mil contos remonta a Julho de 1997 quando Paulo Coelho, Fernando Gama ("o Dux Veteranorum"), Tó Silva, o advogado da Queima e o Secretário Geral (Paulo Brito), se reuniram e tendo–se apurado 20.400 contos de saldo positivo da Queima de 1997.

Esta quantia encontrava–se repartida entre a conta da CGD (cerca de quatro mil contos) e outra do BCP (cerca de 14 mil contos), segundo Paulo Brito. No entanto, Rui Garcia, ao ter acesso aos extractos bancários, apercebeu–se que na conta da CGD não estariam quatro mil contos, mas sim aproximadamente 20 mil contos. Confrontando Paulo Brito com os extractos, este adianta a explicação que o saldo de mais de 14 mil contos se explicaria pelo facto de ser esse o valor de cheques emitidos para pagar despesas da Queima e que ainda não teriam sido levantados, explicação essa que convenceu Rui Garcia. Quanto à conta do BCP coincidiam os valores do extracto e o que Paulo Brito tinha declarado.

Passadas as férias, começa um novo episódio: à conta da CGD tinham sido retirados 2 mil contos para pagamento de vencimentos e material informático, tendo Paulo Brito, uma semana depois, anunciado que iria saldar a conta do BCP, transferindo os cerca de 14 mil contos para a conta da CGD. Intenção essa que apesar de anunciada não se concretizou na totalidade, já que o montante foi levantado por Fernando Gama e por Paulo Brito mas não foi depositado na CGD, sendo isto confirmado por Rita Namora, fiscalizadora na Comissão Central. Sobre isto, aos microfones da RUC, Paulo Coelho afirma que se pretenderia " evitar que houvesse controlo sobre o dinheiro", ressalvando o facto de não acreditar que fosse feito para benefício próprio (de Gama e Brito) mas com a intenção de "criar um saco azul", servindo para evitar qualquer controlo sobre esse montante. Estas denúncias foram feitas no dia 16 de Dezembro do ano passado, sendo logo no dia 18 apresentadas as novidades concernentes ao novo modelo de gestão da Queima, através da entrega à Comissão Central das responsabilidades para 1998 e o regresso definitivo à AAC a partir de 1999. Um dos pontos a referir é mesmo a tentativa de reduzir a importância do Conselho de Veteranos na organização da Festa, com especial incidência nas questões executivas da área financeira. Quanto às contas, o dinheiro foi reposto e as contas regularizadas, sendo o saldo de 25 mil contos, já com os impostos pagos.



Para 1998, os problemas não diminuiram...

Este ano, a realização da Queima esteve seriamente ameaçada, por motivos que nada têm a ver com as recentes propostas de suspensão, apresentadas nas últimas Magnas, como forma de luta contra as propinas. Pelo contrário, as circunstâncias que poderiam impedir a Queima, não teriam a ver com condicionantes externas mas sim decorreriam de situações relativas não só à organização do evento como também a problemas de organização da própria Academia. Como todos os anos, em Novembro, os alunos inscritos no 4º ano de cada Faculdade elegeram os seus comissários da Queima sendo estes confrontados com os Estatutos que vigoravam desde 1990 e já alvo de várias críticas desde a sua criação por permitirem autênticos descontrolos financeiros (de que é um excelente exemplo o caso dos 14 mil contos), críticas essas que levaram o Conselho de Veteranos a prometer a reformulação de modo a que os comissários pudessem tomar posse e começar a trabalhar. Devido à prometida reformulação, logicamente os comissários não os aceitariam como base de trabalho, ficando à espera. Os pontos quentes dos Estatutos prendiam–se com o facto de por um lado, os comissários serem responsabilizados solidariamente por qualquer problema que surgisse em termos financeiros e por outro, pelos excessivos poderes executivos que a Comissão Fiscalizadora (CF), dominada pelos veteranos, detinha, permitindo um total descontrolo de receitas, traduzido por exemplo, no controle das bilheteiras. Este descontrolo das receitas poderia levar a fugas aos impostos e mesmo à existência de "luvas" na atribuição das concessões das barracas do parque, visto que se a CF se propunha a fiscalizar e afinal também "entrava nos negócios", então quem fiscalizaria a CF? Quando se efectua a reformulação prometida pelos Veteranos (CV), afinal só um numero reduzido de artigos tinha sido revisto, mas esta alteração não era suficiente para que os comissários se vinculassem aos "Novos" Estatutos, pois os problemas existentes não eram resolvidos. Os comissários fazem questão de não tomar posse enquanto os Estatutos não fossem devidamente revistos, exigindo critérios objectivos e legais na revisão. Chega–se então a um impasse, recusando–se os comissários a tomar posse, o CV a dar posse ou a rever os Estatutos nos termos exigidos, esperando que quando a Queima se aproximasse, os comissários, à semelhança de anos anteriores, abdicassem das exigências e começassem a trabalhar, adiando–se para o ano a seguir os problemas com os Estatutos, presumivelmente resolvidos da mesma maneira que em anos anteriores. Ao braço de ferro junta–se a DG/AAC, com Tó Silva a pressionar juntamente com os comissários o CV, no sentido de resolver a questão. A pressão da DG/AAC dirigia–se especialmente à reformulação da CF, à luz dos Estatutos Antigos constituida por três veteranos (o Dux e outros dois veteranos nomeados por ele), um representante do Reitor, um representante da DG e um outro do Conselho Fiscal da AAC, sendo presidida pelo Dux. Visto que o representante do Reitor não aparecia às reuniões, o controle deste orgão pertencia aos veteranos (sempre em maioria) e como é óbvio as correspondentes competências executivas (consideradas excessivas) na área financeira, agravadas pelo facto de o comissário tesoureiro não ser parte na tomada de decisões financeiras, o que abria a porta a situações indesejáveis e discutíveis como o já descrito caso dos 14 mil contos. Na altura em que mais parecia não haver solução à vista para o impasse, dois novos dados alteram tudo: quando Paulo Coelho (o representante do Conselho Fiscal da AAC na CF) denuncia na RUC o caso dos 14 mil contos e o parecer das Finanças, no qual se proibia a AAC de passar recibos, devido às fugas aos impostos que daí surgiam (este processo era simples e consistia, por exemplo, na entrega de 100 contos de donativos ou patrocínios e a contra–entrega de um recibo de 500 contos, o que permitia às empresas fugir com 400 contos aos impostos). A este propósito, numa contabilidade a sério feita às contas da Queima, seria evidente que, tendo em contas as despesas dos carros e os donativos efectuados, através dos recibos, a diferença seria tão desnivela-

da, que só se poderia concluir que o real valor dos donativos seria muito menor, porque tendo em conta a primeira diferença existiria um saldo positivo enorme, as receitas dos carros não são tão grandes. Terão sido também estas suspeitas que influiram na decisão das Finanças em emitir o referido parecer. Quando se apercebe disto a DG/AAC propõe–se resolver o problema dos recibos, exigindo como "moeda de troca" que o CV procedesse à revisão dos estatutos com principal incidência na composição e competências da CF. As propostas da DG visavam não só o alargamento através da presença de um representante do Conselho Cultural e outro do Conselho Desportivo da AAC, o que tornaria a CF um orgão mais representativo e abrangente (e a balança penderia para o lado da DG), mas também a transferência do controlo das receitas para os comissários, como deveria ser desde o princípio, (continuando estes responsáveis pessoal e solidariamente pelas dívidas), extinguindo as competências executivas na área financeira da CF, mas continuando com as competências meramente fiscais.

Quanto aos comissários continuavam num impasse com o CV, só que estes, reagindo ao parecer das Finanças, resolveram pré–inscrever os carros (de modo a determinar qual o numero exacto) e tendo estes que obter um número de contribuinte próprio e organizar a sua própria contabilidade. E é aqui que as confusões saiem do círculo da organização e atingem os participantes, pois os quartanistas quando se dirigiram às Finanças para legalizar a situação dos carros, não conseguiram que lhes fosse explicado (ou não quiseram explicar–lhes) o que fazer (ver caixa).

Como se não bastasse, surge uma proposta de suspensão da Queima das Fitas, para reforçar a luta anti–propinas, apresentada no dia 8 de Janeiro na Assembleia Magna, tendo sido chumbada, repetindo–se a sua apresentação na AM de dia 15 de Janeiro com novo chumbo da proposta. Esta proposta, sendo aprovada, provocaria a confusão total de todo o processo, não havendo esperanças de o resolver tão cedo como seria desejável. Na sequência da aproximação da AAC ao CV para a resolução do problema dos recibos, não se chega a entendimento quanto a determinadas questões, nomeadamente quem ficaria titular do número de contribuinte e qual o estatuto da Comissão Organizadora da Queima: secção, organismo ou entidade com estatuto próprio? O ciclo vicioso agravava–se: nem o CV deixava a Comissão Central (constituída pelos comissários) trabalhar, enquanto não tomassem posse, nem esta tomava posse, insistindo na revisão dos estatutos e no entendimento entre o CV e a DG/AAC. É neste quadro que, juntando o caso dos 14 mil contos, o problema dos recibos e o aproximar–se da Queima (a 3 meses e meio de distância), os comissários fazem um "ultimato" ao CV: ou se reviam os estutos e a Comissão Central começava a trabalhar e tomava posse posteriormente, ou a Comissão Central, à revelia do CV, tomava posse perante a mesa da AM e começava a trabalhar por conta e risco deles, com base nos estatutos apresentados pelos comissários e sujeitos a aprovação, mais tarde, numa AM ou numa Assembleia de Quartanistas. Tudo isto surtiu efeito e no dia 29, e dia 31 de Janeiro, o Dux e Tó Silva reuniram–se e desbloquearam a situação, faltando em 90 artigos rever cerca de 10. Finalmente a 2 de Fevereiro a Comissão Central começou a funcionar oficialmente, aguardando agora a tomada de posse à luz dos novos estatutos, que serão agora revistos anualmente, conforme as circunstâncias o exijam.

Próxima etapa: Maio

Apesar desta trama digna de telenovela, conseguiu–se chegar a bom porto, pelo menos para já. Deram–se os passos necessários para chamar às estruturas eleitas da Academia o controlo relativo da Queima (algo que já era reivindicado há algum tempo, sendo certo que foi positivo para o processo o facto do curriculo do presidente da DG/AAC incluir uma passagem pela Comissão Central), o que se espera que permita levantar o véu de suspeição da nossa Queima. É preciso mostrar que determinados vícios, muito populares nas nossas classes dominantes, não deveriam ter o seu berço nas Universidades, mexendo com algo de que nos deveríamos orgulhar em todas as suas facetas, o que nem sempre tem acontecido. Esperemos que 1998 marque o inicio das mudanças.

João Melo Alvim

E os carros?

O problema gerado pelo parecer das Finanças reflectiu–se com especial incidência na contabilidade dos carros. À medida que os quartanistas se dirigiam às Finanças para regularizar a situação, eram confrontados com a ignorância (ou má–vontade?) dos funcionários e com uma diversidade de estatutos, tendo os carros que possuir número de contribuinte próprio e contabilidade organizada por eles mesmos, sob vários figurinos: ou associação irregular ou comissão de festas eventual ou associação sem fins lucrativos. Enquanto duravam as conversações entre o CV e a AAC e as Finanças, o CV propõe uma solução alternativa que consistia em organizar um gabinete de contabilidade pela Queima das Fitas, tendo cada carro o seu número de contribuinte, existindo um estatuto geral para todos de modo a que se pudesse organizar um "plafond" correcto de despesas e de receitas. Assim cada carro seria responsável individualmente pela sua contabilidade, devendo cada um dos carros entregar facturas de montante aproximado ao dos recibos de donativos (como já foi referido, os valores reais são logicamente próximos) o que impediria a fuga aos impostos e o consequente pagamento por parte dos carros do IRC sobre os lucros (que seriam inexistentes). Tomando como base o exemplo apresentado (ver texto principal), os 400 contos, não seriam só o valor com que a empresa fugiria aos impostos, mas também o saldo positivo (para efeitos fiscais) que seria colectado em sede de IRC (48%), acrescentado de IVA (17%), ou seja, teriam que ser pagos ao fisco cerca de 260 contos de impostos sobre rendimentos que nem sequer existiam. Desta forma, com os donativos/patrocínios na linha de fogo, o cortejo poderia vir a ser seriamente comprometido, bem como a própria Queima das Fitas. Apesar deste quadro preocupante, foi encontrada uma solução, na sequência do desbloqueamento da situação entre o CV e a DG/AAC e tendo em conta a cada vez maior proximidade da Queima. Quanto à solução, que permite aos quartanistas deixarem de se preocupar com os problemas dos recibos, foi comunicada aos carros pela DG/AAC, numa reunião no passado dia 9. Pelo menos um problema à volta da Queima resolvido...

JMA



BOICOTE TOTAL

Não há sanções previstas para o não pagamento da 1ª prestação das propinas no prazo estipulado. Não há sequer certeza de que se manterá o dia 28 de Fevereiro como data limite. Não há reunião do senado agendada para os próximos tempos. Não há absolutamente nada de concreto em relação às propinas.

A última reunião do senado, que deveria ter acontecido no última semana de Janeiro, foi adiada devido a um falecimento, impedindo os senadores de se pronunciarem sobre o boicote ao pagamento da primeira prestação das propinas e a uma tomada de posição sobre as consequências que tal acto pode vir a provocar. A definição das sanções que podem vir a cair sobre os boicotantes é, dentro do estatuto de autonomia das universidades, fixado por cada instituto superior, e no nosso caso pelo senado, pelo que, com o aproximar do último dia para o pagamento, não se afigura no horizonte o respeito pelo estipulado na Lei de Financiamento do Ensino Superior quanto ao não–pagamento.

Sem se afigurar uma reunião do orgão deliberativo da Universidade nas próximas semanas e, nas palavras de Ricardo Matos, coordenador do pelouro da política educativa da DG/AAC, "ainda que alguma sanção seja prevista na próxima reunião do senado, não acredito que seja imposta aos estudantes que não pagarem até ao dia 28, pois não é numa semana que se põe a academia a pagar as propinas ao mesmo tempo". A DG/AAC acredita que o prazo será alargado, talvez para o fim do mês de Março, por uma questão de operacionabilidade, e, assim sendo, "sabendo que as sanções só seriam efectivadas depois de comunicadas por escrito ao aluno, e que este a poderia pagar no dia seguinte", o dirigente associativo não acredita, "pela proximidade de datas das prestações", numa penalização do boicote ao pagamento da primeira prestação da propina única.

As incertezas quanto ao assunto decorrem ainda da interpretação legal que pode ser feita à Lei de Financiamento no capítulo da sanção. Um parecer encomendado pela Associação Académica de Lisboa não considerou a matrícula do aluno como integrante dos actos curriculares que, segundo a lei, seriam imediatamente "congelados" como resposta ao não pagamento, pelo que caso venha a ser decidido alguma sanção esta apenas poderá incluir o não lançamento de notas e realização de exames e nunca a anulação da matrícula e consequente expulsão do ensino superior. Sanções estas que terão ainda de ser aprovadas em senado, e caso venham a ser, incluem ainda um tempo de intervalo entre a falta e a respectiva penalização.

Segundo A Cabra conseguiu apurar o boicote às propinas deve rondar neste momento os 95% dos alunos da academia.O boicote parece, assim, ser global... nem propinas, nem sanções.

A contestação à Lei do Financiamento do Ensino Superior parece seguir o bom caminho, à espera da Manifestação nacional a Lisboa votada e aprovada na última Assembleia Magna. Ricardo Matos garantiu Á CABRA ter a DG/AAC contactado já as outras associações e obtido a certeza de que a Academia de Coimbra estará acompanhada das outras associações académicas naquela que se espera a maior manifestação estudantil dos últimos anos.

AVP

A CONTESTAÇÃO NA EXPO'98

Os estudantes de Coimbra, dentro da irreverência que lhes é reconhecida, resolveram, por mote próprio, associar a Exposição Universal de Lisboa ao largo número de personalidades e acontecimentos públicos que apoiam a nossa causa. E receberam desta o apoio expresso do Gil, a mascote da EXPO'98.

Em Coimbra desde a passada semana para apadrinhar a visita da exposição itinerante da EXPO à nossa cidade, o caricato boneco a quem foi instituido o dever de publicitar a última e milionária exposição do século, resolveu na noite anterior à inauguração da mostra no Museu Machado de Castro ir conhecer os prazeres nocturnos desta cidade "acompanhado" de um punhado de estudantes foliões e bens dispostos que, por acaso, passavam em frente ao Museu e depararam com um Gil muito triste, abandonado, em frente ao Museu sem qualquer cuidado. Vai daí...

Vai daí o Gil provavelemente ficou "embriagado" com as maravilhas que esta cidade pode trazer à noite e deixou–se ficar ou "caido" num quintal de uma casa, ou a fazer companhia a alguém na sua sala. Admirados e indignados ficaram os responsáveis pelo Gil, obrigados que foram a desculpar–se a todas as visitas pela falta do seu filho pródigo.

Tristes pelo seu amigo ter faltado a tão importante acontecimento, os "amigos" estudantes do Gil resolveram ir levar o boneco de volta ao Museu acompanhado de um bilhete explicativo pendurado ao pescoço onde se podia ler "MAIS VALE DESAPARECER DO QUE PAGAR PROPINAS" e "GRÃO A GRÃO GANHAREMOS A CONTESTAÇÃO".

Depois de tudo ter acabado bem não se solicitam informações que possam levar ao paradeiro dos amigos do Gil.



Direito à Nota

A possibilidade de os professores consultarem os currículos dos alunos é uma realidade há muito tempo sedimentada e uma prática normal nos exames escritos e orais na FDUC.

De facto, no momento da correcção das provas escritas e durante o exame oral, o passado académico do aluno de direito é inspeccionado minuciosamente em ordem a estabelecer critérios de correcção e avaliação. A discussão em torno deste problema sempre foi uma constante, pelo menos por parte dos alunos, novos e velhos, e ganhou um novo ânimo com uma proposta dos alunos membros do Conselho Directivo desta faculdade no sentido de uma abolição deste sistema.

O Conselho Pedagógico, a quem foi pedido um parecer na matéria, organizou uma sessão de esclarecimento por entender que os alunos não se encontravam convenientemente informados. Na dita sessão participaram vários professores «da casa» que se ofereceram para apresentar os seus testemunhos de acordo com a sua experiência na avaliação dos alunos. Cada um dos professores tomou a palavra, numa ordem aleatória, e começaram a expor os seus argumentos que apontavam todos no mesmo sentido: os currículos nos exames beneficiam os alunos. As razões invocadas foram contudo e no mínimo contraditórias: se por lado diziam que a questão dos currículos era uma falsa questão por estes serem um mero somatório de notas (Prof.Pinto Monteiro), por outro lado diziam que o currículo ajudava a adequar o exame oral ao aluno (Prof.Viera de Andrade) permitindo fazer-lhe perguntas da sua bitola (Prof.Henrique Mesquita); se por um lado diziam que os currículos nunca eram fonte de discriminação (Prof.Santos Justo), por outro lado admitiam que ajudavam os bons alunos a manterem a sua boa média no caso de um azar, como uma dor de cabeça no exame escrito(Prof.H.Mesquita). O interesse na manutenção dos currículos é tal que levou um professor a confessar que se por acaso estes fossem abolidos nos exames, nada o impedia de os consultar na secretaria da faculdade quando assim o entendesse (Prof.Vieira de Andrade). Apenas num aspecto todos deram «a mão à palmatória» e reconheceram que a consulta insistente e reiterada dos currículos durante o exame oral pode prejudicar os alunos, por intimidação, e prometeram corrigir este "mau hábito".

Após esta exposição por parte dos professores convidados, que pretendiam representar todos os anos do curso, os alunos presentes contestaram os argumentos utilizados através de vários depoimentos, desta feita não de sucesso, mas de insucesso: vários alunos contaram as suas más experiências e mostraram que o sistema defendido pelos docentes não é assim tão justo e é muitas vezes fonte de arbitrariedades para os discentes.

Depois desta iniciativa, louvada por todos, resta esperar pelo parecer do conselho pedagógico e pela posterior decisão do conselho directivo. Numa espécie de antevisão pode desde já avançar-se a mais provável continuidade de um sistema que é defendido pelo grupo mais forte da faculdade e que continua a beneficiar um grupo mais ou menos restrito de alunos, detentores de um importante trunfo: um "bom currículo"! Claro que um "bom currículo" nem sempre o foi mas do que se trata, em meu entender, é combater injustiças e criar um critériode avaliação objectivo , sem vicissitudes, e não indagar o nexo existente entre o currículo e a prestação do aluno. A cada cadeira a sua nota, o aluno deve ser avaliado por aquilo que faz no momento do exame e não por aquilo que fez ou deveria ter feito em anos anteriores, num curso em que, ainda para mais, não vigora um regime de precedências.

Rui Gonçalves

Hrabal e Kundera

Dois Escritores Checos Contemporâneos

A literatura checa é bastante vasta e diversificada, remontando as suas origens ao século VI, data das viagens missionárias de Cirilo e Método, difusores do cristianismo entre as tribos eslavas. De destacar nos fins da Idade Média a importância e obra do Teólogo Jan Hus, que teve o grande mérito de reformular a ortografia e a gramática da língua checa.

Nação eternamente envenenada pela amargura do domínio estrangeiro, surgem normalmente espartilhadas e apaixonadas as suas manifestações culturais. Tal é sublimemente observado por Kundera na Insustentável Leveza do Ser...

Parte significativa da literatura checa está impregnada da magia de Praga, a cidade–princesa: a sua praça velha, a sua judiaria, o seu cemitério judaico onde nasceu a lenda do Golem, o seu Castelo imortalizado por Kafka, a verde e fresca colina de Mala Strana de que fala Jan Neruda, o rio Vltava que corre veloz e puro no segundo movimento de A Minha Pátria do compositor Smetana... As suas lendas e os seres sobrenaturais que a assombram, como o exército de guerreiros–fantasmas às ordens de uma imortal princesa de outrora, Libussa, que aguardam a altura em que a Boémia precise deles para a libertar. Ora, raramente foi um país livre... issso explica–se porque o embaixador da princesa no mundo dos vivos é um cavaleiro...sem cabeça, que nada vê ou ouve, e é essa a causa da desgraça da nação checa!

Muitos são os expoentes da literatura checa deste século: Karel Capek, Jaroslav Hasek (O valente soldado Shveik), o dramaturgo e político Vaclav Havel, Jan Neruda (Contos de Mala Strana), o notório Franz Kafka... Porém debruçar–me–ei apenas sobre Milán Kundera e Bohumil Hrabal, os mais conhecidos no Ocidente.

Milan Kundera nasce em 1929 em Brno, na Morávia. Depois de uma atribulada vida profissional, acaba por ser professor no Instituto de Altos estudos Cinematográficos de Praga, donde é destituído em 1968 após a invasão dos tanques soviéticos que sucedeu à Primavera de Praga. Em 1968, um grupo de homens iluminados protagonizou vastas reformas dentro do partido comunista checo, que se traduziram na reabilitação de várias vítimas do regime, e numa tentativa de criar uma "terceira via" entre o Capitalismo e o Socialismo. Este sonho que animou muitos ilustres checos, liderado por Alexandre Dubcek, falhou, caindo por terra com a invasão russa e com o hipócrita aval diplomático das potências ocidentais (mais uma vez se repete a história... 30 anos depois o ocidente volta a virar as costas aos checos e a entregá–los aos algozes). A Primavera de Praga é o pano de fundo da Insustentável leveza do Ser.

Após a Primavera de Praga,



Kundera exila–se em França.

Kundera é marcadamente um neo–realista. As personagens são verdadeiramente autênticas, interiormente riquíssimas e com motivações solidamente construídas. A sua escrita é intimista e sensual. Devassa a intimidade, a sexualidade, as taras sexuais das personagens... Raiando frequentemente a obscenidade e o kitsch. O caso, por exemplo, de Agnès, personagem de A Imortalidade , que é surpreendida pelo olho clínico do autor, ao ter o seu primeiro período menstrual em casa de amigos dos seus pais, sujando o lençol, procurando depois limpá–lo com água, tendo como único resultado sujar também o colchão...

Ou o caso de Tamina, uma das personagens de O Livro do Riso e do Esquecimento, que vê o pudor do seu corpo adulto nu atentado e devassado por crianças–anjos depois de ter ido para o céu...

Temas recorrentes em Kundera são o eterno retorno, a fraqueza da memória (em O livro do riso e do esquecimento . A Imortalidade . Testamentos Traídos) , o sistema comunista e as suas preversões, a sua pátria invadida pelas potências estrangeiras... Mas principalmente tudo o que há de risível no comportamento e nas preversões do ser humano, e de tudo o que nele há de efémero...

«O homem do capacete, com a sua entoação esquisita, repete: "Acabo de viver uma noite absolutamente maravilhosa." O cavaleiro meneia a cabeça como se dissesse sim, eu compreendo–te, amigo. Quem mais te poderia compreender? E depois pensa melhor: tendo prometido ser discreto, nunca poderá dizer a ninguém o que viveu. Mas uma indiscrição ao fim de duzentos anos, será ainda uma indiscrição? Parece–lhe que o Deus dos libertinos lhe enviou este homem para lhe permitir falar com ele (...) para lhe permitir depositar algures no futuro um momento da sua vida; para o projectar na eternidade; para o transformar em glória (...)» M.Kundera, A Lentidão.





Bohumil Hrabal nasce em 1914 e é um dos mais bem–amados escritores checos, infelizmente pouco conhecido entre nós. Tal deve explicar–se sobretudo pelo modismo que informa os hábitos literários dos portugueses, e, pelos vistos, Hrabal não foi moda. A escrita de Hrabal caracteriza–se por uma narrativa anti–heróica, cujas personagens são pessoas demasiado vulgares e demasiado normais, grotesca, captando pequenos momentos de todos os dias e exagerando–os até um ponto em que atinge o surrealista e o intrigante irreal.

Hrabal é sensual, mas canta a paixão menos elevada: aquela das pessoas demasiado normais, como a do rapazinho que perde a sua virgindade com prostitutas, ou o Sub–chefe de estação que se excita a carimbar as nádegas da telegrafista, ou a frustração do herói de Comboios Rigorosamente Vigiados que sofre de ejaculação precoce.

Hrabal tem olhos mágicos para captar o risível: o caso dos milionários que eram presos no regime comunista por terem mais de um milhão no banco, e a personagem de Eu que servi o Rei de Inglaterra que faz todos os possíveis para ser preso para também poder ser reputado como milionário...

Também tem talento para captar as pequenas coisas que são grandes tragédias.

«Há 35 anos que trabalho com papel velho e é essa a minha love story . Há 35 anos que prenso papel velho e livros, há 35 anos que me sujo de letras, de tal modo que me pareço com as enciclopédias de que durante esse tempo todo devo ter prensado pelo menos três toneladas: sou um cântaro cheio de água viva e água morta, basta inclinar–me um pouquinho e jorram de mim ideias lindas; sou culto independentemente da minha vontade e, assim não sei bem quais as ideias que são minhas e saídas da minha cabeça, e que ideias li (...). Assim tornei–me sábio contra a minha vontade, e agora verifico que o meu cérebro é feito de ideias prensadas pela prensa hidráulica–são pacotes de ideias (...)»

«A cigana com a saia turquesa arregaçada até à cintura estava deitada de costas- tinha umas belas pernas nuas, uma bela barriga nua e um belo tufo de pelos inflamava–lhe o baixo–ventre- um braço dobrado debaixo do lenço que atava na nuca os seus cabelos pretos e gordurosos e, com a outra mão fumava avidamente(...)» B.Hrabal, Uma Solidão Demasiado Ruidosa.

Hrabal é outro dos escritores neo–realistas que não hesitam sair dos palácios de cristal da beleza e da pureza imaculadas, e sair para a rua, para a verdadeira beleza dos sentidos que é a realidade, que por muito negra e suja que ela pareça, é ela a moldura das nossas existências, e portanto da beleza que para nós existe. Segundo Kundera, a cena de amor mais bonita da literatura ocidental terá sido a de K. e de Frieda debaixo de um balcão de uma taberna suja, entre as poças de lama e de cerveja, no Castelo de Kafka. Tanto Kundera como Hrabal têm essa sensibilidade e esse padrão estético em comum, bem como um humanismo transbordante.

Especialmente Recomendados:

Hrabal, Bohumil

Uma Solidão Demasiado Ruidosa, Edições Afrontamento

Eu que servi o Rei de Inglaterra, Edições Afrontamento

Comboios Rigorosamente Vigiados, Caminho, Uma Terra sem Amos

Kundera, Milan

A Lentidão, Edições ASA

Os Testamentos Traídos, Edições ASA

Livro do Riso e do Esquecimento, Dom Quixote

A Valsa do Adeus, Dom Quixote

A Brincadeira, Dom Quixote

A Imortalidade, Dom Quixote

A Insustentável Leveza do Ser, Dom Quixote

Rui Prista Cascão

Novas orientações

Dion Fortune

Depois de um intervalo de dois anos, o quinto volume da colecção "Sampler" é o retorno da Dion Fortune à sua máxima força. Um tudo ou quanto diferente, o registo parecia indicar um novo ciclo. A imagem gótica aparecia agora mais diluída no Electro-Rock. De todo imprevisível era, no entanto, que fossem os próprios Garden Of Delight a conduzir a nova corrente criacionista.

Formada em 91 e imagem de marca do anterior rigor gótico da editora alemã, a banda de Artaud Seth tinha-se proposto realizar sete álbuns em sete anos. "Paradise" nasce assim para pôr um ponto final na carreira dos The Garden Of Delight. Porém, desenganem-se todos aqueles que esperavam do registo uma mera retrospectiva revivalista, pois "Paradise" assume-se bem mais como um esboço prévio ao(s) futuro(s) segmento(s) "Dion".



No Fx, No opinion

Com um Punk-Rock incisivo e curto, sem deixar, ao mesmo tempo e estranhamente, de ser leve e acessível, os Nofx seguem, em "So long and thanks for all the shoes", a tendência americana de revitalização do Ska. Usando como lema "No interviews, no video, no single, no shit, no comment", os Nofx continuam a merecer a minha "no opinion", quanto às suas semelhanças com os Green Day e os Offspring. Quanto ao resto, a aprovação fica registada...

4ª edição de ANA

Com a arte de António Jorge Gonçalves* e o argumento de Nuno Artur Silva, "Ana" atingiu já a 4ª edição Asa (com mais de 5 mil cópias vendidas). A história fala-nos de Filipe Seems, um detective particular que mora com o seu gato numa Lisboa perdida no tempo. Criada num passado longínquo cheio de incongruências de brutal beleza, o argumento relata-nos uma Ana que procura outra Ana que, por coincidência, acaba também ela por encontrar uma Ana que, afinal, não era Ana. No meio disto, em plena conspiração genética de clonagem, encontra-se o confuso e ultrapassado pelos acontecimentos Seems.

** - autor da novela gráfica - "Arte Suprema".*

va,
ria
ma
as e
que,
a a
on-

Novas orientações

Dion Fortune

Depois de um intervalo de dois anos, o quinto volume da colecção "Sampler" é o retorno da Dion Fortune à sua máxima força. Um tudo ou quanto diferente, o registo parecia indicar um novo ciclo. A imagem gótica aparecia agora mais diluída no Electro-Rock. De todo imprevisível era, no entanto, que fossem os próprios Garden Of Delight a conduzir a nova corrente criacionista.

Formada em 91 e imagem de marca do anterior rigor gótico da editora alemã, a banda de Artaud Seth tinha-se proposto realizar sete álbuns em sete anos. "Paradise" nasce assim para pôr um ponto final na carreira dos The Garden Of Delight. Porém, desenganem-se todos aqueles que esperavam do registo uma mera retrospectiva revivalista, pois "Paradise" assume-se bem mais como um esboço prévio ao(s) futuro(s) segmento(s) "Dion".



No Fx, No opinion

Com um Punk-Rock incisivo e curto, sem deixar, ao mesmo tempo e estranhamente, de ser leve e acessível, os Nofx seguem, em "So long and thanks for all the shoes", a tendência americana de revitalização do Ska. Usando como lema "No interviews, no video, no single, no shit, no comment", os Nofx continuam a merecer a minha "no opinion", quanto às suas semelhanças com os Green Day e os Offspring. Quanto ao resto, a aprovação fica registada...



4ª edição de ANA

Com a arte de António Jorge Gonçalves* e o argumento de Nuno Artur Silva, "Ana" atingiu já a 4ª edição Asa (com mais de 5 mil cópias vendidas). A história fala-nos de Filipe Seems, um detective particular que mora com o seu gato numa Lisboa perdida no tempo. Criada num passado longínquo cheio de incongruências e de brutal beleza, o argumento relata-nos uma Ana que procura outra Ana que, por coincidência, acaba também ela por encontrar uma Ana que, afinal, não era a Ana. No meio disto, em plena conspiração genética de clonagem, encontra-se o confuso e ultrapassado pelos acontecimentos Seems.

*- autor da novela gráfica - "Arte Suprema".



O que é uma cidade?

- Dossier -

Coimbra e os estudantes

Quando D. Dinis fundou a Universidade de Coimbra, ela era destinada a um grupo muito restrito de privilegiados. Privilegiados esses cuja condição social permitia poderem fazer parte de uma facção de iluminados que convinha aos poderosos que fosse reduzida.

Esse grupo foi aumentando cada vez mais, e hoje a Universidade está acessível a bastantes pessoas, se bem que os encargos financeiros sejam agravados de ano para ano por diversas tentativas por parte do Estado e por parte dos comerciantes e pessoas cuja economia se baseia nas despesas dos estudantes.

Em 1537 a Universidade fixou–se aqui depois de uma alternância com Lisboa que demorava desde 1290, data da sua fundação, tornando–se na cidade portuguesa universitária por excelência. Dada essa especificidade, que condições dá a Lusa Atenas aos estudantes que aqui vivem e estudam? Está a cidade realmente apetrechada e preparada para receber o número de estudantes que a ocupam?

"A Cabra" foi falar com alguns estudantes com o intuito de saber qual é a opinião daqueles que afinal devem ser os principais protagonistas da actividade de uma Universidade.

Sérgio da Cruz, caloiro de Português–Francês, viveu em França, e fez o secundário já em Portugal, em Castelo Branco. Este jovem espera que o curso tirado em Coimbra venha a dar–lhe hipóteses de saída profissional. Quando aqui chegou, o pessoal do curso foi logo ter com ele e com os outros caloiros para os integrarem. Considera a praxe uma boa forma de integração e até gostou da brincadeira. Gosta de verificar a igualdade de direitos entre estudantes nas Assembleias Magnas e nas reuniões de escolha das datas dos exames, e isso fá–lo sentir–se uma parte da Academia. Apesar de ser sempre a subir e a descer, prefere Coimbra à confusão de Lisboa, já que a nossa cidade é muito virada para a juventude. Em relação à "noite não é muito diferente do dia, há sempre gente na rua, mas agora com as frequências não dá para sair".

Em relação à sua Faculdade (Letras), gosta das condições de estudo, com todos os Institutos, bibliotecas e com os professores sempre prontos a atender os estudantes e só lamenta o facto de haver "cadeiras a que vai tanta gente que há pessoas que têm de sentar–se no chão. Isso é que está mal!"

Luís Chichorro, estudante de Inglês–Alemão, escolheu Coimbra por ser uma cidade pequena com possibilidades de criar laços mais alargados com as pessoas da Universidade. É um residente da Real República do Bota–Abaixo e considera que as repúblicas têm um papel muito importante na promoção de actividades culturais e de um outro convívio que não seria possível dentro de uma casa alugada, com senhorio, onde há problemas de barulho.

Estes factores fazem a Universidade de Coimbra oferecer mais vantagens de formação humana e pessoal, apesar dos "abusos da praxe". Diz ele que "ligar as repúblicas com a praxe é capaz de ser um bocadinho fora de estação", já que depois de 69 houve alguns problemas e optaram mais por serem abstencionistas. Para o Luís, a Universidade já esteve pior do que está, "mas temos de ser mais ambiciosos a todos os níveis. Há muita gente que precisa de material informático, de vídeo e não só. No entanto, tudo parte da vontade de cada um, ninguém o vai buscar a casa".

Quando falámos em Academia, este república acha que no que diz respeito à Direcção–Geral da AAC, há bastante vontade de trabalhar. No entanto, quando se trata de união entre as pessoas e consciência de Academia, "há muita gente a desprestigiar aquilo que deveria ser a solidariedade entre colegas. A própria noite é um reflexo disso, está a ficar cada vez pior e a actuação das pessoas é feita mais numa base de consumo do que de convívio".

Na nossa prospecção pelos estudantes de Coimbra, quisemos saber a visão de alguém proveniente dos Palop's. Roque Osvaldo Bata, moçambicano, veio tirar o seu curso de Engenharia Electrotécnica a Portugal para conhecer um pouco o mundo. Já tinha um irmão em Coimbra e assim para aqui veio. Imaginava que a prestigiada Universidade de Coimbra fosse algo de realmente especial. Mas desiludiu–se devido a factores negativos como a falta de lugares nas salas e as dificuldades do relacionamento professor–aluno.

Considera Coimbra uma cidade pacata, fora a Queima das Fitas, as subidas e descidas não lhe facilitam a vida, assim como as rendas, que são um pouco elevadas. Agora, com as propinas, a sua bolsa definitivamente não dá para todos os gastos. Os transportes também são um problema, talvez devido ao trânsito, o que obriga a demoradas esperas pelos autocarros.

Quando falámos em racismo, o Roque adiantou uma sua teoria que defende que todos somos racistas. Há barreiras de hábitos e costumes que são incontornáveis. "Os que defendem o racismo é que são ignorantes". No entanto, quando é altura de "uma boa grossa", é a discoteca africana o destino preferível deste moçambicano, já que é lá que o seu estilo de música vigora, apesar de frequentar também outras discotecas.

Já falámos com vários estudantes sobre a cidade que os acolhe, mas ainda não falámos com alguém que para além de estudar na Universidade de Coimbra, seja realmente habitante desta cidade.

Carolina Braga nasceu cá e sempre aqui viveu e estudou, está em Português–Francês, e mostra–se bastante desiludida com a sua experiência universitária e revoltada contra a inoperância do município. Diz a Carolina que não há interesse em desenvolver iniciativas que vão para além de um âmbito de entretenimento dos estudantes "temporários". Coimbra apresenta–se–lhe com poucos espaços culturais e, apesar de ser uma cidade muito bonita, os seus espaços verdes estão mal aproveitados e nota–se uma grande diferença entre a parte antiga e a parte nova da cidade, onde certos mamarrachos destoam com a paisagem urbana.

"A Universidade parou no tempo"- defende esta conimbricense. Há muito poucos professores que a Carolina considere realmente vocacionados para o ensino: "têm obras e nome prestigiados mas mostram–se arrogantes e pouco comunicativos". O sistema de avaliação limita–se a dois meses de "marranço". O trabalho não é contínuo nem interessante como o foi o do secundário, onde participou em muito mais actividades. Academia? Esta estudante admite que existisse no tempo da geração de 70. "Aí sim, existiam ideias! Hoje, quando se fala em Academia, as pessoas pensam em copos, festa e 'tá a andar". E, sobretudo, a Carolina nota muita falta de iniciativa e espírito crítico no seio desta nossa Academia.

Sobre as declarações desta pequena porção da comunidade estudantil de Coimbra, não podemos esquecer que as opiniões sobre a nossa cidade são muito variadas. Quem já cá vive há vários anos pode já não denotar a vocação de Coimbra para os estudantes. No entanto, nota–se uma acomodação por parte dos principais empreendedores culturais, o que gera este descontentamento para com a insuficiência das iniciativas. Insuficiência que se revela talvez não tanto pela quantidade mas pela própria natureza e qualidade de iniciativas dirigidas somente a certas camadas mais eruditas do que à grande massa estudantil, cujas tendências culturais importa clarificar.

David Pereira Bastos





Crónica da "Baixinha" visitada

As prostitutas voltam para casa enquanto o Sr. Manel abre as portas da sua tasca. Daqui a poucos minutos a Sra. Ivone vai passear o seu casaco "Gucci" em direcção ao seu cabeleireiro e cumprimentará a Tia Maria que lava as escadas. Alguns, poucos, rapazes desfilam as suas mochilas no seu caminho para a escola ao lado daqueles que se dirigem para trás dos balcões dos cafés da rua. São sete horas da manhã e os sinos da Igreja de Santa Cruz anunciam a D.Afonso Henriques que o dia nasceu na "Baixinha".

Este é um mundo à parte na cidade de Coimbra. Talvez o único lugar dentro da urbe que não se desenvolveu totalmente influenciado pela vida estudantil durante os sete séculos da universidade. Esta era, inclusivé, uma área proibida para os primeiros universitários. Nos ínicios da universidade, a guarda universitária, da qual os actuais archeiros são os seus nobres descendentes, tinham ordem para prender qualquer estudante que se aventurasse pela baixa da cidade depois das 6 da tarde, à boa maneira das "trupes" de hoje. Para proteger os nossos jovens do comércio, dos prazeres e da usura rezavam as ideias inquisitoriais de então.

O alastramento da cidade para outras áreas com o progressivo melhoramento das habitações afugentou ainda mais os académicos desta zona típica. "Se as casas nem para os próprios moradores são boas imaginem para os estudantes de agora", diz-me desalentado o Sr. Ribeiro, um dos membros da lista independente que venceu as eleições do passado dia 14 na Junta de freguesia de S.Bartolomeu. Felizmente, assiste-se ao reaproveitamento e à restauração de muitos dos espaços habitacionais, ainda que lento, maioritariamente aproveitados para o comércio, provavelmente a única actividade que prospera por aqui. O estabelecimento de um plano para a recuperação do comércio pela camâra, o PROCOM, e a utilização do RECRIA, um programa estatal para a recuperação de fachadas, veio em muito ajudar a esta reanimação, mesmo que os fundos do RECRIA sejam apenas para as fachadas dos edifícios e não para o seu interior. "E acreditem que há casas de 3 ou quatros andares onde as familias que lá vivem dividem uma só banheira e latrina", atira-me o Sr.Ribeiro. Talvez por isso a solidariedade e a união seja uma palavra forte aqui. Há um centro de dia da "Caritas" para tratamento de toxicodependentes e nas instalações dos bombeiros pode-se tomar banho por 10$00 além de se servirem refeições algumas vezes por semana aos mais necessitados.

"Eramos nós próprios que patrulhavamos estas ruas"

União que resulta também da peculiar fisionomia da área: ruas estreitas, janelas sobrepostas, pátios interiores de um metro de largura permitem conversas intimistas à janela e escondem pouco a realidade da vida nestas casas. Casas antigas, habitadas por gente que vive cá desde que nasceu, nos mesmos locais onde os seus pais morreram e que me contam a animação que as praças tinham há 50, 60 anos. Eram os tempos das suas juventudes e dos "bailes no meio da rua e das conversas nas escadas das casas, no relento do verão, acompanhados do copinho de vinho que tão bem sabia". Problemas não os tinham: "eramos nós próprios que patrulhávamos estas ruas e chamávamos a polícia ao sinal de desacatos", confessa o Sr.Branquinho, companheiro nestas lides do Sr.Ribeiro.

Infelizmente as casas de prostituição primeiro, e a toxicodependência mais tarde veio dar à "baixinha" um estatuto de "proibida e perigosa". "Hoje, as coisas estão diferentes; as casas de prostituição fecharam há mais de 30 anos, havendo apenas eventuais acompanhantes na rua e a droga não é aqui muito maior que noutros locais" - asseguram os senhores com quem converso na improvisada sede de campanha desta lista de independentes candidatos à junta de S.Bartolomeu. Com 2000 eleitores e a quase totalidade do espaço da baixinha (apenas a Rua da Moeda, a Rua Direita e o largo 8 de Maio fogem à sua jurisdição) esta é a freguesia que tenta fazer a diferença para as pessoas desta zona



"O espírito de tasca"

Esta era uma lista de apaixonados pela "baixinha". Pessoas ligadas ao lugar há mais de 50 anos com lugar cativo nas lides da junta desde o 25 de Abril, "no tempo em que isto era pelo amor à camisola, quando se passavam horas a trabalhar de graça, nada como os 250 contos que um presidente de junta ganha agora e que atrai pessoas que não tem nada a ver com os locais que pretendem representar", "políticos profissionais", como lhes chamaram.

A amabilidade com que estes dois "jovens" de 60 anos aturam as perguntas mostra algumas das características destas pessoas: a sua simpatia e o gosto que têm em falar da "sua baixinha". Mesmo as pessoas que saem de cá, "não conseguem ficar mais de uma semana sem visitarem os velhos amigos e as ruas da sua mocidade", completa sorridente o Sr Branquinho. Talvez porque a vida aqui seja feita com "um espirito de tasca", como diz. "Ao fim da tarde, todos, desde o Sr.Doutor até ao trolha, vêm beber um copo à tasquinha", continua, o que permite talvez a proximidade que existe entre estas pessoas. É a altura em que se fala do dia que se passou, dos resultados da "briosa", das anedotas que se ouviram...

É o que me confirma o Sr.Manel, proprietário de uma tasca há mais de 30 anos, a "Zé Manel dos Ossos", "aqui as pessoas fazem menos distinções que nos outros sitios, são tudo pessoas que querem é um copo e um petisco, quer seja para esquecer o mau dia ou para ir para casa mais quentinho".

Enquanto converso, na improvisada sede de campanha, um insólito e engraçado episódio, vem comprovar tudo aquilo que me têm dito, e faz-me mesmo acreditar que estou num sitio, no mínimo, amigável... Dois homens de alguma idade entram na sede com pouco tempo de intervalo, disparando, após os cumprimentos da praxe, duas afirmações que provocam a risada geral: "Que colecção de bebâdos!", insinua um enquanto aponta para o cartaz que empunhava as fotografias dos membros da lista; e "onde está o pipo?", pergunta brincalhão o segundo homem. "São estas as pessoas que fazem da vida da baixinha esta alegria", responde-me de imediato o Sr.Ribeiro, tentando minimizar as frases dos seus amigos. Situações...

"Tenha cuidado que são estudantes..."

As tascas serão provavelmente um dos factores culpados pela imigração de alguns estudantes para esta zona da cidade. De facto, tasquinhas como o "Zé Manel dos Ossos", ou restaurantes como a "Democrática" e ainda a casa de fados "Diligência" são locais que começam a ser frequentados por certas "tribos académicas" quer seja atrás do seu vinho, ou de uma intimidade e tradição que os novos cafés e bares não oferecem.

Com a ajuda dos programas camarários, os donos dos prédios degradados começaram a restaurá-los e alugá-los aos estudantes que, empurrados pela degradação da "alta", procuram agora outras zonas típicas da cidade.

O João é um destes estudantes. Frequenta o 2º ano de Direito e depois de um ano a morar num quarto sozinho resolveu mudar-se para um "duplex" na "baixinha" com mais quatro amigos. "A casa foi restaurada, o que nos permite viver bem numa das zonas mais típicas desta cidade", diz, logo ao príncipio. "Estamos perto da faculdade e dos bares, mas afastados das zonas de mais movimento e acima de tudo vivemos num local em que cada dia há uma história nova para contar". "Isto parece uma aldeia em miniatura, todas as pessoas se conhecem e mantém, ainda, as mais idosas, uma relação de desconfiança a tudo o que é novo", conta-me, a este propósito, o João, uma conversa singular que ele e um amigo tiveram com as suas vizinhas do andar inferior na primeira semana. "Depois do pedido de desculpas pelo barulho feito durante a festa de inauguração uma das senhoras confessou-nos, timidamente, que andavam sobressaltadas com os novos vizinhos. Isto porque as amigas da rua já lhes tinham dito para ter cuidado: são novos, estudantes, não sabem de onde vieram, nem quem são... diziam elas...".

À sétima badalada dos sinos de Santa Cruz já os vendedores de castanhas abandonaram a praça 8 de Maio, os pintores de rua e os "hippies" deixaram de embelezar artesanalmente os passeios da Ferreira Borges... É a hora que a Srª Ivone (a simpática senhora que aluga a casa ao João e que apesar de casada com um professor universitário preferiu manter o seu cabeleireiro na Rua da Moeda: "para ficar perto dos meus pais e poder continuar a conviver com estas pessoas e estas ruas...") fecha as portas do seu estabelecimento e as famílias se juntam para jantar, na sala, que muitas vezes é também a cozinha, quando não o quarto...

Daqui a pouco tempo a noite cairá e a baixinha adormecerá, para restaurar energias e renascer de manhã, amigável, única, isolada mas pronta a ser descoberta... para quem procura uma Coimbra diferente.

Adeodato V. Pinto



O que é uma cidade?

- Dossier -

Entrevista ao professor Abílio Hernandez

"A CIDADE NÃO SE APERCEBE"



O Teatro Académico Gil Vicente atingiu em Coimbra o estatuto central na divulgação e exibição de actividades culturais. Por aqui têm passado acontecimentos culturais de maior da cidade de Coimbra nos tempos mais recentes, só o ano que passou foram vistos por lá : Sérgio Godinho, Vitorino, José Mário Branco, Hermeto Pascoal, Aziza Mustapha Zadeh, os filmes de Alain Resnais, a dança com "Start and Stop Again", de Olga Roriz, e muitos outros.

O público estudantil nem sempre compreende ou corresponde ao esforço de quem está nos bastidores a preparar tão exigente e custosa programação. No entanto, há também críticas das secções e organismos estudantis quanto ao modelo adoptado na programação e à relação que a gestão do T.A.G.V. mantém com as produções encetadas pelos organismos da associação académica.

Abílio Hernandez, pró-reitor para a Cultura da Universidade de Coimbra, gere e admnistra o Teatro Académico Gil Vicente. Uma posição díficil para quem diariamente lida com as pressões e dificuldades de um local que é cada vez mais o grande pólo de dinamização cultural da cidade de Coimbra.

C: Como é que define a actual situação do Teatro Académico Gil Vicente ?

A.H: Gostaria de em primeiro lugar de realçar o facto de estarmos perante uma situação que é única no país. E que é a situação de esta Universidade ser a única com um teatro. E arrisco a dizer que mesmo na Europa haverá muito poucas universidades com um teatro. O que é uma situação que tem aspectos positivos, pois é um luxo a universidade ter um teatro e por outro lado tem aspectos bastante complicados, sobretudo, pela descrição estatutária do teatro Gil Vicente não ter entidade jurídica autónoma, isto é, sempre foi um serviço ou um estabelecimento da depêndencia directa da reitoria, não tendo por isso autonomia, o que causa grandes problemas do ponto de vista admnistrativo e financeiro que se foram avolumando ao longo dos anos e que têm agora de ser bam analisados dada a sua dificuldade. A óptica desta reitoria e desta direcção é a de que o Gil Vicente preste um serviço público, pois uma casa desta dimensão tem que ser gerido de acordo com a dimensão que a universidade representa. Esta casa é um pólo de cultura e não pode nem deve ser gerida como uma sala de espectáculos, mas sim como um serviço público que se presta à cidade.

C:Como é que define esse serviço público?

A.H: É ter em conta que esta área é tão importante como outra área qualquer, mesmo a da saúde. Estamos a permitir aos estudantes e aos habitantes da cidade um maior acesso a iniciativas de carácter cultural e artístico e que merecem um investimento que a universidade faz para a promoção de uma variadíssima oferta cultural. Os preços praticados pelo Gil Vicente não são preços reais, o que significa que muitos vezes o teatro pode estar esgotado e ter prejuízo, o que quer dizer que se fossem apresentados à cidade os preços reais pelo que as iniciativas custam não haveria poder de compra por grande parte do público. Público na maior parte das vezes estudante. Há exemplos disso estre ano, como os casos dos espectáculos do Sérgio Godinho e José Mário Branco que estiveram esgotados e deram prejuízo. Porque se fossem praticados os preços reais dos bilhetes, o preço andaria na ordem dos três mil escudos e não a mil escudos para estudante e mil e quinhentos para o público. Portanto, o Gil Vicente e a Universidade suportam estes encargos porque estão a prestar um serviço público aos estudantes e aos cidadãos de Coimbra. Há muita gente que se esquece disto quando fala dos preços elevados que nós praticamos em qualquer espectáculo e não se lembra que estes são mais caros nos sítios de onde provém ou outros lugares onde depois se deslocam.

C: O lugar que o Gil Vicente ocupa na cidade no que diz respeito à animação cultural é incontornável, fazendo muitas vezes a função de teatro municipal, o que de alguma maneira se traduz no seu excessivo protagonismo e as suas dificuldades. Não é verdade?

A.H:O Gil Vicente não substitui ninguém, nem a autarquia nem o Ministério da Cultura. O que o Gil Vicente faz é aquilo que o Estado faz com o Teatro S.João, com o teatro D.Maria, Centro Cultural de Belém. E que é o de puderem apresentar espectáculos a preços reduzidos, porque são subsidiados, o que não quer dizer que o façam. Todos anos a universidade paga dezenas de milhares de contos ao T.AG.V porque está a fazer um investimento cultural sem qualquer preocupação de lucro. O Gil Vicente traz produções e faz ainda produções. Aminha pena é a de que o estado não possa gastar mais, isto é, mais 100 mil contos ou 150 para trazermos e fazermos mais produções, mas temos de trabalhar com o dinheiro que existe.

C: Este factor de atractablidade e central do Teatro Académico Gil Vicente também deve complicar ainda mais a situação?

A.H: A cidade de Coimbra está carente de espaços culturais para as mais diversas práticas artísticas, por isso toda a gente quer vir a este teatro representar, dançar ou cantar. Como este teatro tem uma linha programática bem definida e estruturada as pessoas deviam pensar um pouco quando nos fazem propostas. Muitas vezes chegam a pensar que o T.A.G.V está aberto a tudo e mais alguma coisa, o que é errado. A música "Pimba", por exemplo, nunca entraria na actual programação do Gil Vicente.

C: É inegável o serviço que o Gil Vicente presta à cidade enquanto pólo de dinamização cultural. Qual é a relação que mantém com a autarquia?

A.H: As relações do T.A.G.V com a autarquia são óptimas e actuamos muitas vezes em conjunto. É obvio que a autarquia tem outras prioridades diferentes das nossas. É verdade, que a não existência de um teatro municipal cause alguns problemas ao Teatro Académico, o que não deixa de ser um serviço que a Universidade presta à cidade. A cidade não sente necessidade de ter um teatro municipal, o que também não pode nem tem condições para isso. O que existe é uma complementaridade com aquilo que o T.A.G.V oferece com a actividade que Pelouro da Cultura pretende exercer.

C: Já alguma vez sentiu da parte dos estudantes alguma animosidade com a programação, já que umas vezes adere com facilidade e outras recusa simplesmente. Tem a noção que se trata de um público díficil?

A.H: A maior parte do público que frequenta o Gil Vicente são estudantes à volta dos 20 anos. Isso nota-se, sobretudo nos espectáculos de música, no teatro, na dança contemporânea. O que já não acontece se for uma ópera, um bailado clássico, música erudita, que atrai outro público que importa trazer ao Gil Vicente. Há também espectáculos em que vem toda a gente, casos dos de José Mário Branco ou Sérgio Godinho.

C: Por isso é que é tão difícil caracterizar este espaço de "Teatro Académico" ?

A.H: Exacto. Às vezes há aí um mal entendido, pois o que isso significa é que os principais beneficiários da actividade cultural do T.A.G.V. são os membros da Academia, mas também os professores e os funcionários. Os estudantes têm acesso à nossa programação em condições ímpares em todo o país. Quando pagam mil escudos por um um espectáculo de dança, bailado, ou música, é único em todo o país. Por outro lado, esta academia caracteriza-se por ter uma actividade bastante grande e variada através dos seus organismos ou secções culturais encontrando eco no Gil Vicente para mostrar as suas práticas culturais. Quase todas os meses há actividades dos organismos e secções da associação académica na programação do Gil Vicente.

C: Como é que se faz a coordenação da actividade que aqui se realiza?

A.H: O Teatro Académico não é um espaço, uma sala pura e simples que uma instituição pode requisitar quando entende. O teatro tem que ser um local onde possa ser desenvolvido o seu trabalho sem precalços e com alguma tranquilidade.

C: Os arranjos do Anfiteatro Paulo Quintela poderão de alguma forma diminuir alguma tensão e conflitualidade entre o T.A.G.V e os organismos da Associação Académica?

A.H: Sim, é um espaço complementar que faz muita falta. O facto de ser mais pequeno possiblita a que determinado tipo de realizações possam ser lá efectuadas.

C: Quais são os critérios de programação do T.A.G.V?

A.H: Os espectáculos não são produzidos por nós, e logo aqui há uma grande oferta porque há muitas companhias que estão interessadas em vir cá. Depois, existem quatro prioridades: Teatro, Música, Dança e Cinema. Às quais, vamos dedicando uma especial atenção em diferentes alturas do ano. Neste momento, por exemplo, estamos a dar uma especial atenção à dança contemporânea.

C: Por alguma razão especial?

A.H: Porque as companhias de dança contemporânea estão a fazer um óptimo trabalho que já está a ter repercussões no estrangeiro. Inclusive, a primeira produção do Gil Vicente para esta temporada foi exactactamente no campo da dança com o espectáculo da Olga Roriz "Start and Stop Again". Para além dissso, também nos interessa a boa recepção que um espectáculo possa estar a ter, já que há espectáculos que são incomportáveis trazer cá devido aos seus custos.

C: Produzir também acarreta os seus custos...

A.H: A produção também é dispendiosa e comporta um envolvimento não só financeiro com técnico. Iniciámos em Janeiro uma produção com a companhia do Paulo Castro, "O Grande Cerimonial", de Arrrabal, em conjunto com o Centro Cultural de Belém. A companhia esteve aqui sediada, trabalhou aqui mais de dois meses e a estreia absoluta foi neste teatro. Com a Olga Roriz foi exactamente a mesma coisa, estiveram aqui um mês e realizaram a estreia nacional. É verdade que o Gil Vicente não tem oportunidade de fazer produção contínua como o Teatro S.João do Porto ou o C.C.B. E mesmo para fazer produção tem que ter alguns cuidados, pois o S.João tem que ter alguns cuidados, pois o Teatro S.João tem um orçamento de 600 mil contos, tem uma companhia residente e a sua missão é mesmo produzir espectáculos, ao contrário do T.A.G.V que é apresentar espectáculos e de vez em quando produzir .

C: Em que condições é que o Gil Vicente "negoceia" as suas produções?

A.H: Recebemos muitas vezes propostas, mas a produção passa por nós próprios encetarmos pedidos de produção de determinados espectáculos às companhias. Por exemplo, este ano há o centenário de Bertolt Brecht e Garcia Lorca e estamos já a pensar comemorar o centenário do Brecht de uma forma multidisciplinar com colóquios, peças e filmes ligados ao dramaturgo. O mesmo se passará com o Federico Garcia Lorca.

C: Qual é o balanço que faz do ano de 1997?

A.H: Foi bastante positivo, pois encetamos esses dois trabalhos de produção, tivemos uma linha programática bem definida e de grande qualidade cultural.

Entrevista realizada por

Fernando Nunes

Sousa Bastos: o que fazer?

A importância de que se reveste o aumento da capacidade de oferta de alojamento social direccionado para a população estudantil residente em Coimbra, não faz com que as notícias recentemente tornadas públicas quanto ao futuro do Teatro Sousa Bastos sejam por mim recebidas com outro sentimento que não o de desilusão. Desilude-me a Câmara Municipal de Coimbra e desilude-me a Universidade de Coimbra. Uma e outra desiludem-me pela assunção clara de que não conseguem perspectivar o potencial que este espaço encerra para responder a múltiplos problemas que a ambas instituições se colocam. Não foram um milímetro além das legítimas, mas estreitas, pretensões do actual proprietário do imóvel. Entre um conjunto de apartamentos de uma ou duas assoalhadas mais cinco espaços comerciais e uma residência de estudantes mais um café-concerto a diferença que existe é tão só, e apenas, o aumento da referida capacidade de oferta de alojamento para os estudantes, tudo o resto, resultará sempre numa mesma coisa: oitenta ou noventa estudantes a viverem sobre um espaço de diversão com a actividade cultural nocturna que sabemos existir num local como o Centro de Cultura e Convívio Académico Dom Dinis...

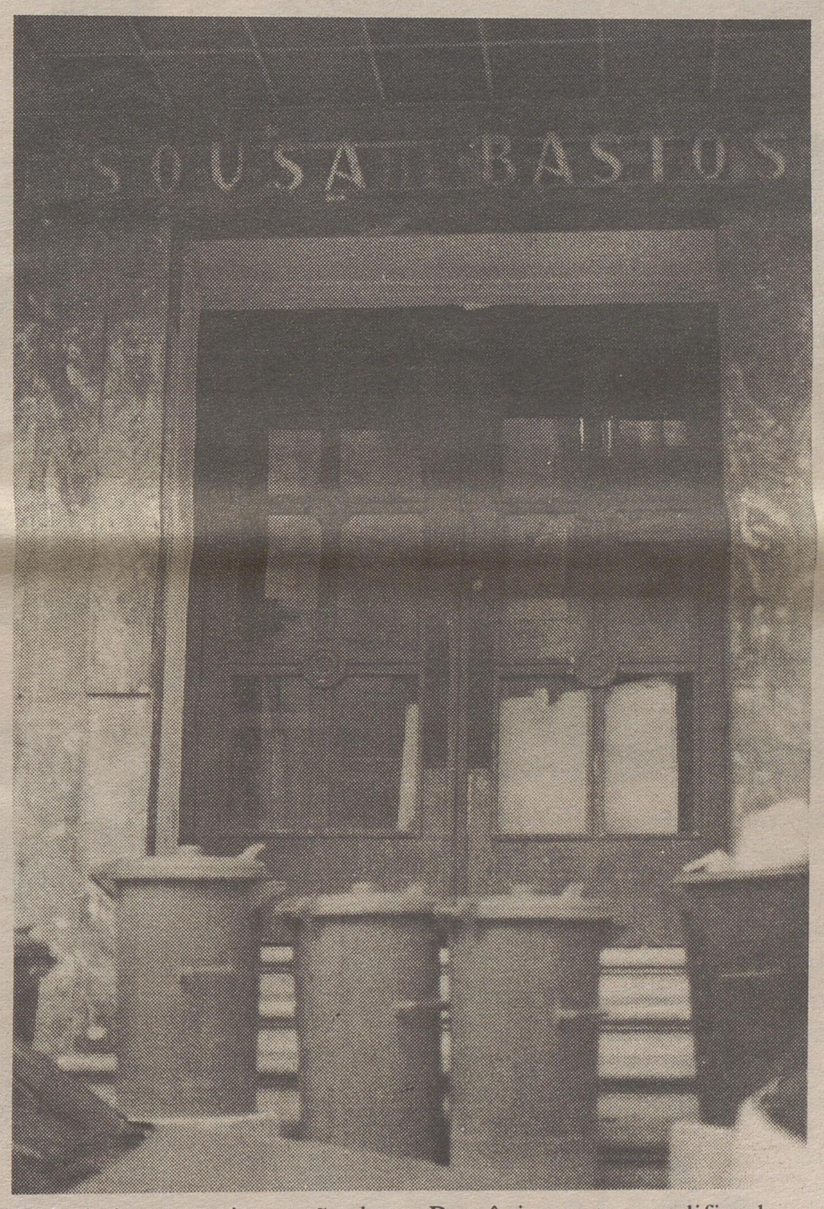
A Câmara de Coimbra não percebeu a oportunidade que teve de inserir uma função de grande poder vivificador numa área da cidade em que se assiste a uma gradual, mas notória, bifuncionalização. A Sé Velha sempre foi um local em que os habitantes de Coimbra e os que aqui passam um período essencial da sua vida conviveram de forma exemplar, porém, hoje facilmente se constata a diminuição daqueles que aqui vivem, sem que a sua vida se relacione com a Universidade. Uma das razões que justificam este facto será concerteza a impossibilidade de uma família poder comportar um valor de um aluguer concorrente com aquele que quatro estudantes pagam. A total ausência de uma política concertada de acessibilidade à área em causa e o bulício nocturno que em alguns locais, na via pública, acontece de forma continuada e impune, serão, também concerteza, razões outras para a diminuta atractibilidade da Sé Velha para actividades e vivências que extavazem o dia-a-dia mais corriqueiro dos estudantes de Coimbra. Para os estudantes dormirem e beberem copos, eis as duas funções a que a Sé Velha se prepara para cada vez mais dar resposta...

Por outro lado, a inexistência de espaços participados pela autarquia conimbricense para o desenvolvimento de actividades na área das artes do espectáculo atinge, se analisado o potencial criativo da cidade, foros de calamidade pública. Não vale a pena falar de Teatros Municipais, a implantar nos mais disparatados locais ao sabor de ventos de ocasião, a verdade é que, em Coimbra, e da responsabilidade Municipal, não há um único espaço com as condições de dignidade mínimas para a produção de espectáculos, que foi aquilo que o SOS Salvem O Sousa Bastos sempre defendeu como utilização primordial a dar ao devoluto espaço da Sé Velha, quanto mais para a exibição dos ditos. A propósito de exibição, atente-se na experiência que constituí assistir, e dar, um concerto de Jazz na Casa Municipal da Cultura: se aquilo é o espaço de exibição dos espectáculos promovidos pela Câmara de Coimbra, custa-me a perceber o espanto da Vereação relativamente à "campanha de menorização" que afirmam estar Coimbra a ser vítima.

A concretizarem-se as anunciadas intenções, perde a Autarquia uma excelente oportunidade de vivificar a _ tão degradada, porque, também, carente de múltiplas funções _ Sé Velha e, simultaneamente, responder à procura existente de espaços para a produção de espectáculos. Dinamizando assim quer o tecido cultural da cidade, quer o tecido social da área em que o Sousa Bastos se implanta.

Quanto à Universidade de Coimbra, a responsabilidade que sobre o desfecho previsível deste caso se lhe pode imputar é algo diferente da que anteriormente imputei à Autarquia. Percebe-se que, atendendo à necessidade de colmatar o défice gritante de alojamento socialmente suportado para os estudantes, numa resposta mais imediata a uma solicitação da autarquia, a Universidade de Coimbra tenha entendido participar na solução apontada. Mas, em minha opinião, nem esse facto justifica a sua adesão a este projecto.

Desde a sua fundação que a Universidade é responsável directa pela caracterização espacial da cidade de Coimbra. Se exceptuarmos o sucedido na Alta de Coimbra, pelas mãos do Estado Novo, e a multiplicidade de "obras de adaptação" da década de oitenta, da invenção da Rua da Sofia à futura intervenção no Polo I, passando pela introdução dos Colégios na Alta e pelo Polo II, a Universidade bem pode gabar-se de ter pergaminhos na "arte de fazer cidade". Ficava-lhe, pois, muito bem pensar com outro empenho todas as intervenções a que se associa.



Relativamente à questão dos fins culturais, a que o "Salvem O Sousa Bastos" pretendia ver o Teatro restituído, o que se pode dizer da Universidade é que sem a sua presença quotidiana na exibição de espectáculos, Coimbra seria uma cidade paupérrima, no que a programação cultural se refere. Imaginem-se sem o "Gil Vicente". Parágrafo.

Sei bem que a Universidade de Coimbra prepara a renovação do "Paulo Quintela". Serão mais trezentos lugares para a exibição de espectáculos em óptimas condições. Condições essas que acrescentadas às facilitadas pelo "Gil Vicente" cada dia que passa mais contrastam com a realidade dos agentes culturais que se movem, sobretudo, no âmbito da Universidade. Paredes meias com a sala da Praça da República estão os locais de trabalho de instituições como o CITAC, o TEUC ou o GEFAC. Uma vergonha.

Foi há trinta e cinco anos que as Instalações Académicas foram inauguradas, não seria esta uma excelente oportunidade para resolver problemas infra-estruturais das entidades que, no seio da Universidade, se dedicam as artes do espectáculo?

Sobre a questão da prospecção arqueológica relativa às estruturas da Igreja Românica outrora edificada no local se pode aferir da seriedade com que estes assuntos são encarados em alguns gabinetes de Coimbra: a prospecção cuja importância justificou que anteriormente se condicionasse a aprovação de um projecto em função dos resultados da dita, é hoje escandalosamente metida na gaveta graças ao assinalável facto de o projecto agora em causa não implicar escavações necessárias ao, antes imprescindível, estacionamento subterrâneo...

Quando em 1996 um conjunto de Associações entenderam criar um movimento cívico com o objectivo de sensibilizar as entidades de carácter público de Coimbra para a manifesta falta de visão estratégica que representaria a, então eventual, transformação do espaço físico em que funcionou o Teatro Sousa Bastos num edifício residencial e comercial, estavam individualmente mais preocupadas com este ou aquele aspecto do problema em causa. A algumas delas preocupava-as mais a destruição de um espaço carregado de tão boas recordações para muitos conimbricenses. A outras preocupava-as sobretudo a insuficiência comprovada de espaços de produção cultural da cidade com as desastrosas consequências que daí decorrem, como por exemplo, a não fixação dos agentes criadores cuja obra reflecte muito mais um "carácter de Coimbra" do que qualquer painel de azulejos atirado para uma vergonhosa parede da cidade. A outras ainda, muito justamente, interessava-lhes, entre outras coisas, encontrar um local digno para poderem continuar, em Coimbra, as suas actividades. Apesar destas diferenças não foi difícil chegar a um consenso sobre o que era importante que viesse a acontecer no espaço físico em causa, como alternativa às legítimas pretensões do seu proprietário. Essa facilidade deveu-se em grande medida, penso eu, à óbvia e rara capacidade do referido espaço para responder a múltiplos problemas que se colocam a Coimbra e à área em que o Teatro Sousa Bastos se insere.

O que não se pode é pedir às referidas Associações que, em casos que se desenrolam como este se desenrolou, façam mais do que aquilo que fizeram: alertaram quem de direito para a importância da recuperação do Sousa Bastos para fins essencialmente culturais. Foram desencorajadas de forma escandalosa pela Câmara Municipal, foram acusadas pelo Presidente da Assembleia Municipal de "hipocrisia cultural", não me parece justo que se lhes peça mais o que quer que seja. Pelo menos enquanto outro tipo de fumo não sair das chaminés das salas onde estes assuntos, no final, se decidem. E por isso entendi não propor aos elementos da minha casa que uma convocatória para uma nova reunião do "Salvem o Sousa Bastos" fosse por nós concretizada. Preferi dar-lhes conhecimento atempado da vontade de tornar pública esta minha opinião.

Luís Paulo Sousa
representante da Real República do Bota-Abaixo no movimento "Salvem O Sousa Bastos"



O que é uma cidade?

- Dossier -

COIMBRA MURAL

"Coimbra Mural" é um conjunto de fotografias sobre os murais que existem em Coimbra. Os murais são inscrições produzidas por "pessoas comuns" que ilegalmente decidem deixar uma pintura, uma frase, um slogan, uma marca numa parede, num muro, num tapume, ou pelas empenas de alguns prédios. Muitas vezes não duram mais que uma semana, um dia, uma hora, mas há também outras que resistem ao tempo e com elas vamo-nos habituando a viver e admirar ao longo do tempo.

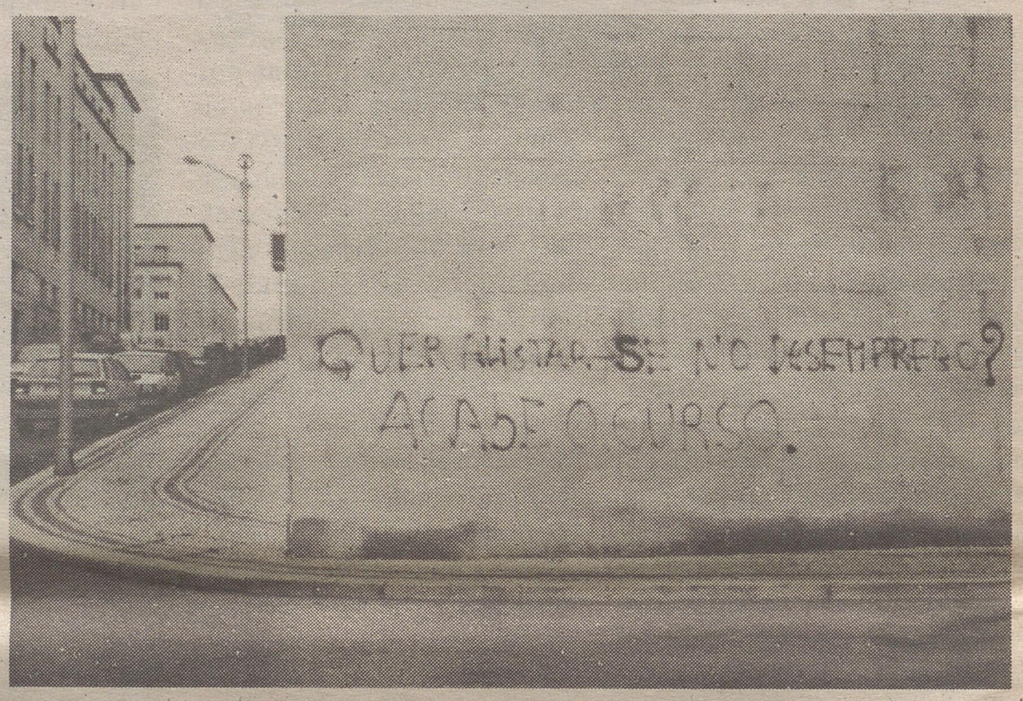
"Coimbra tem as melhores frases algumas vez escritas nas paredes", disse um dia alguém que por aqui passava. E foi nessa convicção que partimos à descoberta dessas "produções de arte marginal" que ninguém assina, que ninguém encomendou mas que por vezes conseguem-nos prender a atenção e que não deixam assim de poder ser vistas como obras de arte.

Fernando Nunes

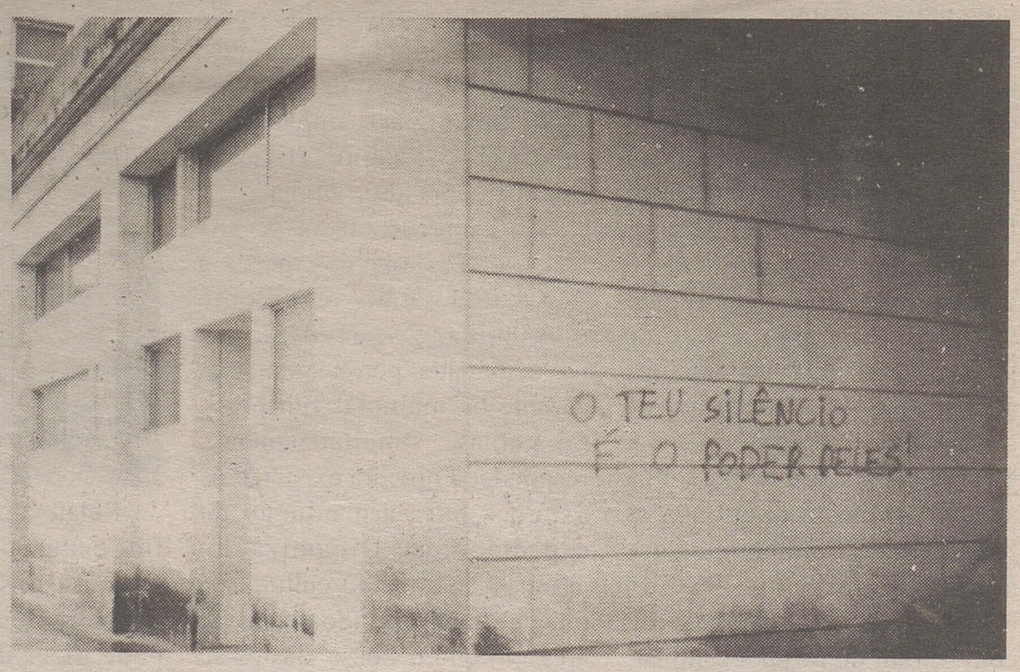
Fotografar murais não se pode dizer que seja uma tarefa que envolva um grande engenho e arte. Com efeito, e tendo em conta o espírito do trabalho, interessava focar apenas as frases que nos aparecem enigmáticas, surreais, combativas, inconformadas ou tão somente expressivas. O que surpreende neste fenómeno estranho dos murais é o facto de não lhes darmos grande importância, tantas são as vezes que por eles passamos. Quis-se, com este conjunto de imagens, isolar as frases das suas ruas, dos carros que as encobrem, das esquinas que as escondem, e mostrá-las, tão só como um pedaço de papel escrito, um autêntico desabafo ou manifesto sem quaisquer artefactos de montagens. E provar que, apesar de tanta simplicidade, contêm uma força simplesmente surpreendente na Coimbra que cada vez menos é vista com olhos de ver. Os murais são, se calhar, um desses pontos que fazem de Coimbra uma cidade com marcas próprias, para além do que é demais conhecido, e que lhe conferem um timbre de inconformismo que, apesar de esmorecido, ainda resiste.

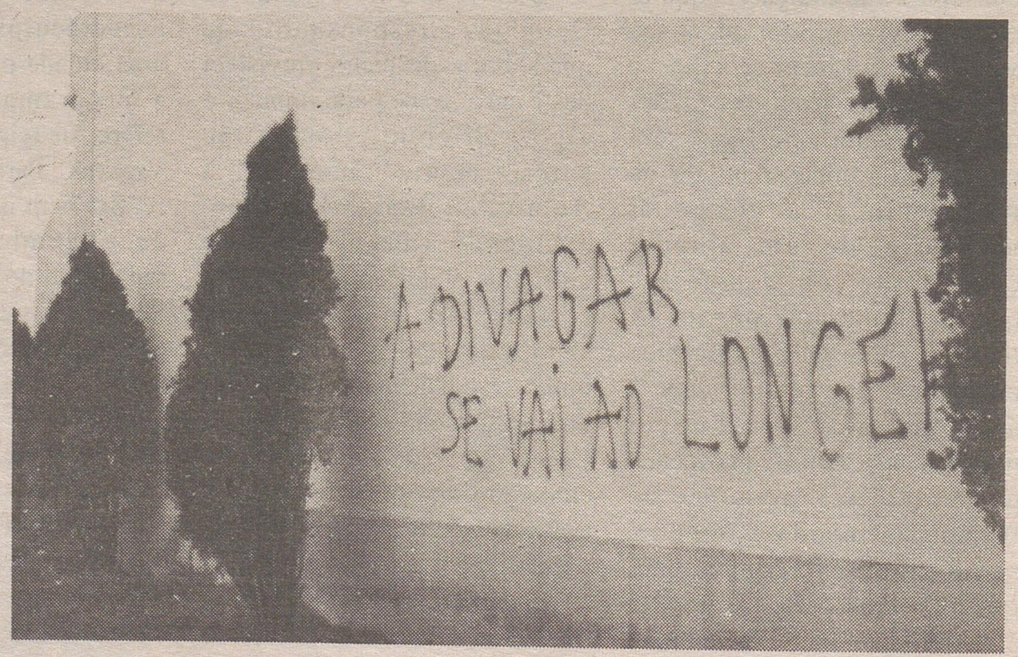
Eduardo Brito











Suplemento idealizado e realizado por:
Fernando Nunes
Eduardo Brito
David P. Bastos
Adeodato V. Pinto
Luis Paulo Sousa

Os vídeos da Cabra



Divirtam–se, não fiquem à espera da velhice para se divertirem numa cadeira de rodas, grita um animado grupo de fantasmas durante um velório. É o que fazem todas as personagens em "Toda...". Amam impulsivamente, apaixonadamente, acabando quase sempre frustrados nas expectativas, mas logo recuperando o ânimo para reiniciar mais uma busca do amor.

Em suma, um filme muito agradável, que nos transporta para o mundo dos sonhos sempre repetidos cada vez que nos apaixonamos.

Manuel Pereira

Toda a Gente Diz Que te Amo

Woody Allen, exorcisa nos seus filmes as desventuras da sua vida real. Envolvido num divórcio litigioso, com a cusações de pedofilia à mistura, abandonado pela familia, Allen filma exactamente o opostosto: uma separação após a qual cada um dos elementos segue a sua vida, mas continuando grandes amigos, chegando ao cumulo de ela tentar arranjar uma nova esposa para o ex–marido. Tudo em "Toda a Gente Diz Que te Amo" é idílico. Como é bonito o amor! Que agradável é ter uma grande família com quem passar a noite de consoada!

Para além do natal e da familia, temas recorrentes da obra do realizador, omnipresentes são também os psiquiatras.

Num ritmo de musical, uma bem conseguida invocação nostálgica dos anos cinquenta, com uma boa dose de humor à mistura, encaixam também algumas reflexões mais profundas sobre a vida.

Perseguição Diabólica

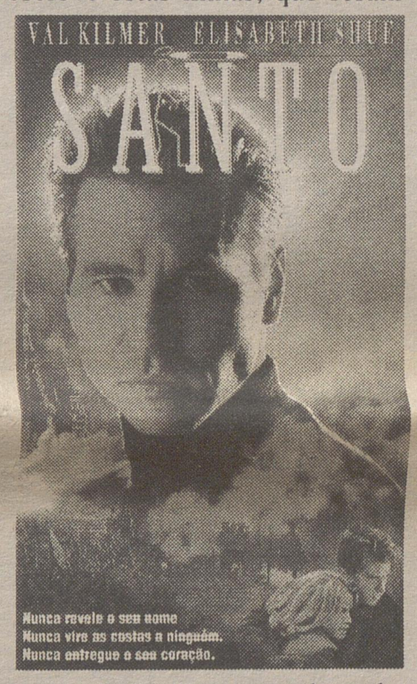
Num ano em que surgiram muitos (e de duvidosa qualidade) filmes de acção como o Santo e Goldeneye, este "Perseguição Diabólica" passou despercebido apesar de contar com actores como Morgan Freeman ("Driving Miss Daisy" e "Glory") e Keanu Reeves. Tendo em conta os últimos filmes de acção, cada vez mais parecidos, estereotipados e irrealistas, este foge um bom bocado à média. Keanu Reeves pertence a um grupo universitário de Chicago, apoiado por um milionário (Morgan Freeman) na tentativa de produzir electricidade a partir de hidrogénio. Quando a experiência resulta, os acontecimentos precipitam-se e o laboratório é assaltado e destruído, bem como parte de Chicago por uma explosão semelhante a uma bomba de hidrogénio (sequência bem filmada em termos de efeitos especiais). Quando o FBI entra em acção, Keanu Reeves torna-se o principal suspeito e juntamente com uma colega do grupo tenta escapar, aparentemente ajudado por Morgan Freeman, que afinal pertence a um organismo (para não variar) que o próprio Estado parece desconhecer, e que tem elevados interesses no projecto da produção de electricidade. Em termos de argumento, como dá para imaginar, não tem nada surpreenda, mas o resultado filmado, como já foi referido, escapa à mediocridade, não só devido aos actores, como também o realizador filma bastante bem, não deixando que o filme entedie e conseguindo mesmo alguns momentos inesperados. Um filme que se recomenda aos aficionados do género e também àqueles à procura de um pretexto para passar uma hora e meia à frente da televisão, embora não chegue aos pés de "Assalto ao Arranha-Céus", indiscutivelmente um dos melhores filmes de acção/suspense de sempre.

Os Suspeitos do Costume

Recuando até 1995, surgenos este filme de Bryan Singer, com Gabriel Byrne, Chazz Palmieri e Kevin Spacey, entre outros, naquele que foi considerado um dos policiais da década. Este filme, com algumas nomeações para os óscares de 1995, arrecadou o óscar para Melhor Actor Secundário (Kevin Spacey) e para o Melhor Argumento Original. A história é irresistivel, começando por ser contada em flashback por "Verbal" Kint (Spacey) ao inspector Kujan (Palmieri), visto que ele é o único sobrevivente de um massacre que resultou em quase 30 mortos. O objectivo de Kujan é descobrir o que aconteceu, contando apenas com o testemunho de "Verbal". Os suspeitos do costume são "Verbal" e outros 4 reputados bandidos, que são "contratados" para trabalharem para um misterioso mestre do crime de origem obscura. Se o filme resulta, não será alheio um imaginativo argumento, excelentes actores e uma realização segura, pois pelos inumeros pormenores da história, muito facilmente poderia ser dado um nó na história e quem o visse ficaria completamente perdido, o que Singer impede que aconteça, mas não deixando de se recomendar bastante atenção ao filme. É curioso ver Spacey 2 anos depois deste filme, alinhar em "L.A. Confidential", também um bom policial com um argumento nada linear, mas sem os rasgos de imaginação e o fôlego deste "Suspeitos do Costume". Um filme imprescindivel para os admiradores deste género, para os outros um bom filme que justifica plenamente o investimento.

O Santo

Phillip Noyce, depois de "Clear and Present Danger/Perigo Imediato", com Harrison Ford e Joaquim de Almeida, realizou este sofrível filme com Val Kilmer ("The Doors") e Elizabetn Shue (que podemos ver agora em "As Faces de Harry"). Entre esta adaptação cinematográfica e a série com Roger Moore, não vão só 30 anos mas sim 30 ou mais anos-luz: o argumento é fraco, baseado em autênticas caricaturas (basta reparar nos "vilões" que sonham com a restauração do Império Russo e começamos a pensar que estamos a assistir a uma sátira de Mel Brooks) e sem grande emoção ou acção, o que se agrava bastante quando se vê o resultado filmado-uma autêntica desilusão. Os actores também não ajudam, principalmente Val Kilmer, que mais parece um "Homem Morcego" que propriamente o "Santo", enquanto Elizabeth Shue aparece muito apagada num filme que definitivamente não foi feito para ela, pensando melhor, só deve ter sido feito para obter lucros à custa de pessoas como quem escreve estas linhas, que foram



ver o filme à espera de pelo menos descomprimir um bocado. Philip Noyce é capaz de muito melhor, mas provavelmente há determinadas histórias que não vale a pena revisitar e adaptar ao nosso tempo. A evitar.

João Melo Alvim

V Caminhos do Cinema Português

Coimbra voltará a ser a capital do cinema português em Abril, através do C.E.C. (Centro de Estudos Cinematográficos), secção da Associação Académica de Coimbra.

A quinta edição deste ano de "Os Caminhos do Cinema Português" promete mais uma vez divulgar e aproximar o cinema nacional e os cineastas portugueses do seu público e potenciais espectadores. Esta mostra, para além da exibição de filmes, promoverá debates relacionados com o cinema nacional e a sua problemática assim como se manterá o espírito de aprendizagem com a ocorrência de vários seminários a ter lugar durante o evento.

Durante sete dias, de 22 a 29 de Abril, o Teatro Académico Gil Vicente será palco de cerca de meia centena de filmes distribuídos por duas sessões, uma ao início e outra ao fim da tarde, e mais uma à noite. Do programa dos filmes a exibir, destacam–se a "Retrospectiva Cinema Novo 72/74" com vários filmes desse período, tais como "O Passado e o Presente", de Manoel de Oliveira, "Quem Espera por Sapatos de Defunto", de João César Monteiro, "Jaime", de António Reis. Ainda nas sessões da tarde será possível visionar uma "Retrospectiva dos Filmes de 96/97" com vários filmes em destaque, entre eles "Olhos da Àsia", de João Mário Grilo, "Party"de Manoel de Oliveira, "Corte de Cabelo", de Joaquim Sapinho, entre muitos outros filmes recentes.

Na secção de Curtas Metragens, a exibir antes dos filmes de duração normal, poderão também ser vistos alguns filmes da mais recente produção lusitana, como são os exemplos de "Estou Perto", de Sandro Aguilar, "Parabéns", de João Pedro Rodrigues, "A Testemunha", de Fátima Ribeiro e "Socorro" de António Borges Correia. Em pequeno formato de animação serão também exibidos os filmes "Clandestino", de Abi Feijó, "Novo Mundo", de António Antunes, "A Suspeita" , de José Manuel Ribeiro, "O Elevador", de Mário Neves e "Zé e o Pinguim", de Francisco Lança.

Para além de esta ser a maior mostra do cinema português e a única deste género no país, convém recordar que "Os Caminhos do Cinema Português" promovem o seu habitual concurso a todos os filmes que tiveram a sua conclusão ou estreia no período de tempo compreendido entre o 1 de Outubro de 1997 e 31 de Março de1998. O Júri será constituído por um representante do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, um representante da direcção do C.E.C, um representante da direcção do T.A.G.V., um realizador fora de actividade e vários críticos de cinema.

Este é, sem dúvida, o programa provisório de um evento que começa a ganhar contornos à escala nacional e lugar de passagem obrigatória para todos aqueles que apostam na diversidade e diferença do cinema português.

Em Abril, aí estará mais um acontecimento ousado e sem preconceitos movimentado e solidificado pelo Centro de Estudos Cinematográficos, uma das mais vigorosas e activas secções da Associação Académica de Coimbra.

Fernando Nunes

Um século (de amores) de Brecht

Há 100 anos, a 10 de Fevereiro de 1898, nascia na Alemanha Bertolt Brecht (BB), fundador do ainda mítico Berliner Ensemble. Poeta e dramaturgo, autor e encenador, o seu nome é uma referência inquestionável não apenas no teatro mundial, mas na própria consciência do século XX.

A actualidade da obra brechtiniana é um dos motivos do culto que tem merecido, tanto entre o público como entre a crítica. À margem das polémicas sobre a autoria, o interesse mantem–se, e a obra, em todas as suas projecções, recomenda–se.

Uma vida recheada de projectos bem sucedidos e de obras aclamadas, fez–se de rupturas e



de partidas, geográficas e afectivas: da sua cidade natal, Ausburgo, para a Universidade de Munique e daí para Berlim de onde, em 1933 parte para o exílio, Praga , Viena, Zurique, Paris, Dinamarca, Estocolmo, Finlândia, Leningrado, Moscovo, América; com a constância da presença feminina, de que se destacam os nomes de Marianne Zoff, Helen Weigel, Elisabeth Hauptman, Ruth Berleau e Margareth Steffin, e dos vários filhos nascidos dessas relações.

Brecht, a quem se ligam obras tão famosas como "Mãe Coragem", "O Voo Sobre o Oceano", "Ópera dos Três Vinténs" e "A Vida de Galileu", vencedor do Prémio Kleist (1922) e do Prémio Lenine (1954), teve a sua biblioteca queimada pela polícia nazi, e viu as suas obras, imbuídas do espírito da dialéctica marxista, serem censuradas e conduzirem–no ao exílio e à perda da cidadania alemã.

Hoje, este "polígamo informal", como o denominou o "Der Spiegel", é acusado de plagiador e de apropriamento da criação literária das mulheres que o amaram. É pelo menos esta a conclusão de estudos levados a cabo por John Fuegi que, numa compilação sugestivamente intitulada "Brecht e Cª", reúne os argumentos que o convenceram de que B.B. tinha efectivamente o impudor de chamar "seus" aos textos escritos pelas mulheres que com ele viveram e/ou trabalharam, e que terão sido as responsáveis pela densidade emocional da sua obra.

Os brechtinianos mais ferverosos não acusam a ofensa e recordam que BB assumia publicamente a sua convicção de que "copiar não é tão infame como as pessoas julgam", pois o próprio teatro é feito de "cópias dos comportamentos humanos".

Igualmente válidos para a discussão poderão ser as frases de J.L. Borges: "todas as obras são obra dum único autor que é intemporal e anónimo", e de Shelley: "todos os poemas são (...) fragmentos dum único poema universal" , trazidos a lume pelo Público num artigo sobre a polémica (7/2/98) - ainda que tais princípios sejam mais adequados para rebater as acusações de que B.B. também é alvo, de ter na sua obra mais do que simples influências de outro autores consagrados, como Charles Grabe, François Villon, John Gay ou Holderlin, do que para justificar que tenha aceitado o reconhecimento devido a pessoas que lhe eram tão próximas.

Independentemente de se tratar de Brecht, o homem, ou de BB representar um círculo fluído de pessoas que se moveram em seu torno , a comemoração do centenário do seu nascimento não é questionável, e far–se–á um pouco por todo o mundo.

Para além de uma exposição recreativa do ambiente de trabalho do dramaturgo, organizada pela Academia das Artes de Berlim, onde aliás já decorreu a homenagem nacional, a Alemanha será palco de cerca de 150 produções ligadas a Brecht. Mas o destaque a nível internacional vai naturalmente para a peça levada à cena pelo Berliner Ensemble, "O Voo sobre o Oceano", com encenação de Bob Wilson.

Em Portugal também se multiplicam os acontecimentos, um pouco por todo o país e durante todo o ano. Assim, à evocação pontual ocorrida em Setúbal no passado dia 12 , vão ainda juntar–se os eventos brechtinianos no Festival dos 100 Dias que antecede a abertura da Expo 98: o bailado "Os Sete Pecados Mortais" e peça didáctica"A Queda do Egoísta Johann Fatzer". Ainda em Lisboa, o Novo Grupo e João Lourenço preparam–se para estrear em Abril/Maio a peça baseada em textos de BB, "O Mar é Azul, Azul", com a já experiente em Brecht, Irene Cruz e José Jorge Duarte. Évora recebe, entre Maio e Junho, um congresso internacional sobre Brecht.

Coimbra é, contudo, o destino certo dos portugueses apreciadores de Brecht, e o local privilegiado para os muitos que não conhecem a obra bretchiniana a poderem apreciar, colmatando assim uma grave lacuna na cultura teatral portuguesa. A tarefa, louvavelmente assumida pelo TAGV, começou a ser desempenhada logo no dia 10, com a leitura de Brecht por João Lourenço, o encenador já referido a propósito da peça "O Mar é Azul, Azul", e que fez um estágio no Berliner Ensemble, tendo aí disfrutado da convivência de contemporâneos do próprio Brecht. Depois, e até dia 19 de Fevereiro o TAGV proporcionará, no Café Teatro, o espectáculo musical "Canções para Brecht". Mas o Teatro Académico Gil Vicente não circunscreve a este mês as comemorações de um século de B.B. Para Março está já confirmada a presença de Fernanda Alves e João Grosso, mais uma vez no espaço do Café Teatro, com a leitura de "Pobre B.B."

Entre Abril e Dezembro o TAGV prolongará a evocação do autor, estando já previstas algumas iniciativas sujeitasa confirmação - um recital, o lançamento de um livro, uma exposiçaõ, várias conversas, encenações e intervenções - e mantendo–se a disponibilidade para acolher outros eventos alusivos a Brecht.

A.G.



Ouvimos Dizer: Não Queres Continuar a Trabalhar Conosco

Ouvimos dizer: Não queres continuar atrabalhar connosco.
Estás arrasado. Já não podes andar de cá para lá.
Estás muito cansado. Já não és capaz de aprender.
Estás liquidado.
Não se pode exigir de ti que faças mais.

Pois fica sabendo:
Nós exigimo–lo.

Se estiveres cansado e adormeceres
Ninguém te acordará nem dirá:
Levanta–te, está aqui a comida.
Porque é que a comida havia de estar ali?
Se não podes andar de cá para lá
Ficarás estendido. Ninguém
Te irá buscar e dizer:
Houve uma revolução. As fábricas
Esperam por ti.
Porque é que havia de haver uma revolução?
Quando estiveres morto, virão enterrar–te
Quer tu sejas ou não culpado da tua morte.

Tu dizes:
Que já lutaste muito tempo. Que já não podes lutar mais.
Pois ouve:
Quer tu tenhas culpa ou não:
Se já não podes lutar mais, serás destruído.

Dizes tu: Que esperaste muito tempo. Que já não podes ter esperanças.
Que esperavas tu?
Que a luta fosse fácil?
Não é esse o caso:
A nossa situação é pior do que tu julgavas.

É assim:
Se não levarmos a cabo o sobre–humano
Estamos perdidos.
Se não pudermos fazer o que ninguém de nós pode exigir
Afundar–nos–emos.

Os nossos inimigos só esperam
Que nós nos cansemos.

Quando a luta é mais encarniçada
É que os lutadores estão mais cansados.
Os lutadores que estão cansados demais, perdem a batalha.

Brecht
(tradução de Paulo Quintela)